

UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
DEPARTAMENTO DE SERVIÇO SOCIAL
CURSO DE SERVIÇO SOCIAL

LAURA LETÍCIA DE SOUZA PIRES

**POSSIBILIDADES FORMATIVAS E EDUCATIVAS DA ARTE: UMA DISCUSSÃO A
PARTIR DAS EXPERIÊNCIAS DOS GRUPOS DE CANTO CORAL DE
MARIANA-MG**

Monografia

Mariana
2022

LAURA LETÍCIA DE SOUZA PIRES

**POSSIBILIDADES FORMATIVAS E EDUCATIVAS DA ARTE: UMA DISCUSSÃO A
PARTIR DAS EXPERIÊNCIAS DOS GRUPOS DE CANTO CORAL DE
MARIANA-MG**

Monografia apresentada ao curso Serviço Social da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Serviço Social.

Orientador: Prof. Marlon Garcia da Silva

Mariana

2022

SISBIN - SISTEMA DE BIBLIOTECAS E INFORMAÇÃO

P667p Pires, Laura Leticia De Souza.
Possibilidades formativas e educativas da arte [manuscrito]: uma discussão a partir das experiências dos grupos de canto coral de Mariana-MG. / Laura Leticia De Souza Pires. - 2022.
66 f.: il.: color., tab..

Orientador: Prof. Dr. Marlon Garcia da Silva.
Monografia (Bacharelado). Universidade Federal de Ouro Preto.
Instituto de Ciências Sociais Aplicadas. Graduação em Serviço Social .

1. Arte. 2. Canto coral. 3. Liberdade. 4. Música. 5. Serviço social. I.
Silva, Marlon Garcia da. II. Universidade Federal de Ouro Preto. III. Título.

CDU 7.01

Bibliotecário(a) Responsável: Essevalter De Sousa-Bibliotecário Coordenador
CBICSA/SISBIN/UFOP-CRB6a1407



FOLHA DE APROVAÇÃO

Laura Letícia de Souza Pires

Possibilidades formativas e educativas da arte: uma discussão a partir das experiências dos grupos de canto coral de Mariana-MG

Monografia apresentada ao Curso de Serviço Social da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em Serviço Social

Aprovada em 14 de junho de 2022.

Membros da banca

Dr. Marlon Garcia da Silva - Orientador - Universidade Federal de Ouro Preto

Dr. Davi Machado Perez - Universidade Federal de Ouro Preto

João Vitor Gomes de Freitas - Santa Casa da Misericórdia de Ouro Preto

Marlon Garcia da Silva, orientador do trabalho, aprovou a versão final e autorizou seu depósito na Biblioteca Digital de Trabalhos de Conclusão de Curso da UFOP em 22/06/2022.



Documento assinado eletronicamente por **Marlon Garcia da Silva, PROFESSOR DE MAGISTERIO SUPERIOR**, em 22/06/2022, às 09:49, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0348770** e o código CRC **5987810B**.

A minha alucinação é suportar o dia a dia e o meu delírio é a experiência com coisas reais.

BELCHIOR

AGRADECIMENTOS

Diante do que se faz presente e a isso me refiro ao meu um Trabalho de Conclusão de Curso, devo primeiramente agradecer por todo o conhecimento que me foi adquirido na Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP).

Aos professores envolvidos na minha formação acadêmica que foram essenciais para esse momento do encerramento de uma etapa que consistiu em quatro anos e meio. Dentre esses, não posso deixar de mencionar os professores Alexandre Aranha Arbia, Alessandra Ribeiro de Souza e ao meu professor e orientador Marlon Garcia da Silva. A esses sou grata pela sabedoria, paciência, dedicação e, principalmente, pela sensibilidade que apresentaram para comigo.

O conhecimento para além dos livros está presente na troca de vivências e nessa trajetória eu pude aprender mais do que os princípios éticos e fundamentos da profissão de assistente social, mas também a redirecionar o meu olhar na sociedade e contemplar como se dão às relações sociais e como se expressam as mazelas da questão social num cenário dominado pelo modo de produção capitalista.

Além disso, meu aprendizado se deu também para além dos muros da universidade. Dos dois projetos de extensão que tive o privilégio de participar, os quais, “Mineração do OuTro - Lavras de Versos” e “Cia da Gente- Lar São Vicente de Paulo de Ouro Preto-MG”, neles fui apresentada a realidade concreta e me deparar com infindáveis reflexões de uma realidade marcada pelas desigualdades.

O ensino obtido nesses quatros anos e meio clareou a escuridão da minha ignorância e me fez perceber a complexidade da realidade em que vivemos, mas ainda há uma longa jornada em busca de alcançar um terreno sem essa obscuridade existente na nossa realidade.

Agradeço a minha supervisora e assistente social de estágio Aline Testasicca que me orientou no meu campo de estágio no Lar São Vicente de Paulo na cidade de Ouro Preto-MG.

Aos grupos de Canto Coral que aceitaram participar da minha pesquisa de Iniciação Científica e me fizeram aprender mais sobre os grupos, a arte e a música e colaboraram imensamente para a elaboração da minha análise final.

Ao meu companheiro Cauan Gomes que esteve ao meu lado esses anos de graduação e que agora segue comigo para o mundo além dos muros da universidade. A este eu dedico não somente os agradecimentos formais mas a força que me conduz pelo seu carinho e afeto.

É importante ressaltar que parte da minha trajetória se deu no contexto marcado pela pandemia da COVID-19 que teve seu início no ano de 2020 e que no ano de 2022 começa a demonstrar menos intensidade, mas ainda assim, um fim distante.

A história foi marcada e com essa pandemia, vidas foram levadas, os abraços perderam a sua frequência e o medo agora acomete o cotidiano de todos que temem ser alvo desse vírus invisível aos olhos humanos mas, percebido por todos, as suas consequências. Além de acirrar as expressões da “questão social” levando muitos brasileiros ao desemprego e condições de subsistência e ressaltar o cenário político que carrega a irresponsabilidade de omitir os fatos.

Por fim, agradeço a vida e hoje preciso agradecer a cada dia que me é concedido e finalizo uma fase de muitas que virão e com a responsabilidade de intervir nas mazelas da “questão social” e enquanto classe trabalhadora, perdendo jamais o reconhecimento e o dever de atuar também na luta de classes e na defesa dos direitos sociais.

RESUMO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso, parte das vivências da autora, nas quais surgiram indagações que propiciaram o desenvolvimento de um estudo em forma de pesquisa teórica e de pesquisa empírica. A música e a arte são fenômenos selecionados para o desenvolvimento deste trabalho, discutidas a partir dos processos de humanização, quando são estudados também grupos de canto coral da cidade de Mariana-MG e um coral da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). Para elaboração deste estudo, tomou-se por referência o método de pesquisa de Marx, sendo que o empenho consistiu em resgatar do objeto o que é próprio dele. Também é tratado o processo pelo qual se dá a atuação do profissional de Serviço Social. São abordadas reflexões que vão desde a matriz funcionalista até os referenciais teóricos marxistas. E para isso, algumas categorias fundamentais, como as determinações da existência presentes na vida cotidiana serão esmiuçadas para compreensão das reflexões e da análise crítica. A pesquisa busca em primeira instância identificar e se aproximar dos grupos de canto coral existentes e ativos nos últimos 6 anos na cidade de Mariana-MG, com vistas a uma caracterização geral desses grupos, suas trajetórias, suas características institucionais e culturais, sua composição e sua dinâmica, indagando, em especial, qual o entendimento desses grupos sobre o papel da arte, da música e do canto coral nos processos formativos e educativos dos seus integrantes, e das repercussões desses cantos sobre a sociedade. Numa outra frente principal, a pesquisa se concentra em referências bibliográficas sobre o tema, refletindo, em contornos gerais e aproximativos sobre a natureza, a peculiaridade e a função da arte, compreendida, nesse âmbito, a música como meio formativo e educativo da subjetividade humana, abrindo para uma discussão de limites e possibilidades da arte como instrumento emancipatório na contemporaneidade, bem como abrindo para reflexões e diálogos sobre o material obtido a partir do estudo dos grupos de canto coral em Mariana-MG.

Palavras-chave: Arte; Música; Canto Coral; Vida Cotidiana; Serviço Social; Emancipação Humana.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	07
1 - DIFERENTES ABORDAGENS SOBRE A NATUREZA E O PAPEL DA MÚSICA E DO CANTO CORAL	
1.1 - Abordagem sobre a natureza e o papel da música e do canto coral – tendências funcionalistas.....	19
1.2 - Abordagem sobre a natureza e o papel da música e do canto coral – tendências ligadas ao universo teórico-cultural marxista e problemas do ecletismo.....	24
1.3 - Arte, música e formação humana: contribuições de pesquisas em torno da teoria estética marxista lukacsiana.....	29
2 - POSSIBILIDADES FORMATIVAS E EDUCATIVAS DA ARTE: UMA DISCUSSÃO A PARTIR DAS EXPERIÊNCIAS DOS GRUPOS DE CANTO CORAL DE MARIANA-MG	
2.1 - Sistematização preliminar da matéria delimitada para investigação: descrição do perfil dos grupos de canto coral, seus integrantes, suas reflexões e posições sobre arte, música e canto coral.....	40
2.1.1 Perfil dos respondentes/ integrantes/ participantes.....	42
2.1.2 Elementos constitutivos dos grupos de canto coral participantes da pesquisa.....	43
2.1.3 Reflexões, ideias e posições dos respondentes/participantes dos grupos de canto coral sobre a natureza e a função da arte, da música e do canto coral.....	45
2.2. Discussão da matéria coletada à luz das aquisições teóricas.....	48
3 - CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	58
4 - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	60
5 - ANEXOS	
5.1 - Registros dos grupos de canto coral que participaram da pesquisa.....	62

INTRODUÇÃO

O trabalho desenvolvido aqui, partiu de uma indagação que vem da vida, que se inicia no cotidiano, de onde se extraem os elementos que vão de encontro com as objetivações humanas e ganham representações nas formas sensíveis no campo subjetivo próprio, específico ao ser social.

Na esfera do cotidiano se manifestam os fenômenos em geral, tanto aqueles da natureza como aqueles da sociedade, fenômenos que se expressam em suas singularidades, ou seja, que compreendem as condições imediatas que permeiam a todos os processos e relações das formas de ser, onde outras duas dimensões da existência são observadas dada as suas peculiaridades, as dimensões da universalidade e da particularidade.

Nesse sentido, fazendo menção a essas categorias, é possível conduzir uma reflexão mais tangível sem perder a percepção da complexidade com que se dá o comportamento humano diante da realidade.

Ao longo do processo de descortinar essas dimensões da existência da universalidade, da singularidade e da particularidade, conforme aponta Lukács (1967), foi possível reconhecer que cada uma dessas esferas são constituídas por fenômenos que interagem entre si na cotidianidade e, assumem formas específicas, isto é, portam uma materialidade que pode ser movimentada de acordo com a intencionalidade do ser social. Para isso, será necessário um momento de ponderação dedicado especialmente para o que Lukács (1967) denomina como capacidade teleológica, que em poucas palavras, consiste no processo que se dá na externalização consciente, pelas vias sensíveis, onde o ser humano consegue reproduzir subjetivamente e transformar objetivamente o que está na realidade.

Na abordagem da matéria delimitada para investigação, foi realizado um estudo que teve como base teórica referências bibliográficas que compreendem artigos, trabalhos de conclusão de curso e alguns trechos da obra do autor György Lukács.

Em outra frente principal deste estudo são apresentados resultados de pesquisa de caráter empírico, voltada ao tema mais específico do canto coral na realidade delimitada para investigação.

Diante do objeto a ser estudado, a autora tomou por referência o método de investigação que Marx (1857) utilizava para empreender um estudo. Para isso a

investigação, por um lado, valeu-se da riqueza do conhecimento socialmente produzido, no caso, coletado no meio acadêmico.

Por outro lado, ao se enfrentar com o objeto, isto é, ao se defrontar com as categorias da realidade, buscou-se extrair deste e reproduzir subjetivamente dessa realidade as suas características específicas e as suas leis. É válido ressaltar que é o objeto quem traz o conteúdo, e não o contrário. Conforme abordado por Marx (1857), a realidade concreta está carregada de determinações e está sempre um passo à frente da nossa capacidade de interpretá-la. Sendo assim, as ideias e teorias são reflexos do concreto, ou como concreto pensado, em outras palavras, são “sínteses de muitas determinações”.

Afirma-se então, que a teoria para o autor é a reprodução ideal do movimento real. Esse raciocínio deve estar luminoso no pensamento tanto do sujeito pesquisador quanto daqueles que lerão o seu trabalho. Ora, não se cria um conhecimento do nada, este não é inato ao homem, os fenômenos existem antes da nossa atuação enquanto seres sociais. Nesse sentido, o sujeito não introduz conhecimento no objeto, mas extrai deste as suas categorias constituintes, reproduzindo, ao menos aproximativamente, o seu movimento. E daí, se compreende o que é da ordem da realidade do objeto e o que é da ordem do pensamento:

O concreto é concreto porque é a síntese de múltiplas determinações, portanto, unidade da diversidade. Por essa razão, o concreto aparece no pensamento como processo da síntese, como resultado, não como ponto de partida, não obstante seja o ponto de partida efetivo e, em consequência, também o ponto de partida da intuição e da representação. Na primeira via, a representação plena foi volatilizada em uma determinação abstrata; na segunda, as determinações abstratas levam à reprodução do concreto por meio do pensamento (MARX, 1857, p.77-78, Grundrisse).

A citação acima é retirada de um contexto em que Marx (1857) se refere ao objeto da sua teoria social, que é a sociedade burguesa. Neste, o autor aponta o funcionamento da ordem do capital e como ela se instaura na realidade da época e ganha força sobre a classe trabalhadora.

Essa relação entre sujeito e objeto vai além de um processo linear de desenvolvimento, existem categorias e elementos complexos que são capazes de aprofundar o saber do sujeito em relação ao objeto.

Nesse sentido, pode-se mencionar as categorias “aparência” e “essência”, que expressam dimensões distintas de uma realidade que é unitária.

De acordo com Marx, a ciência tem a capacidade de capturar a essência das coisas, dessa forma, ainda de acordo com o autor, a ciência rompe, ou pelo menos pode romper, com o véu da aparência, quando é bem-sucedida.

Entende-se aqui que a aparência dos fenômenos é vista e tomada, a princípio, por um ângulo frontal ao ponto de vista do observador, mas o que se quer esclarecer aqui, é que por detrás desses fenômenos existe sua essência dinâmica, suas determinações, os seus passos constituintes.

Um exemplo desse raciocínio seria visualizar, na sociedade capitalista, um automóvel, onde, num primeiro momento, pode-se avistar sua aparência como um ser material, objetivo, seu modelo, cor, tamanho, formas de movimento etc. Este nível de apreensão da realidade é suficiente para lidar com a realidade num nível mais superficial, contudo, é imprescindível, para se orientar nessa realidade, por exemplo, atravessar uma rua. Mas este nível de apreensão, próprio das representações cotidianas, não faculta o acesso a processos e determinações mais mediadas desta realidade defrontada, o que remete às tarefas da ciência, da utilização de métodos específicos que permitem o acesso a essa realidade e seus objetos como síntese de processos produtivos, tecnológicos, atravessados por relações sociais.

Considere-se ainda, para lançar mão de um exemplo extraído do mundo material físico e suas formas de representação pelos seres humanos, tal como um pontinho de luz que muitos param, no cotidiano, para observar no céu noturno uma estrela que ganha visibilidade na escuridão da noite e que para um observador leigo aparece apenas como um ponto de luz na imensidão do céu. Porém, para além dos fenômenos, como já foi dito, existem as essências, e no caso de um ponto brilhante, o qual, denomina-se estrela, para que a mesma possa estar sendo observada, precisou haver um processo material objetivo que, neste caso, se resume na concentração densa de gases e poeira interestelar ou nuvens moleculares.

Do ponto de vista da ciência e do método, como é sabido, os instrumentos como o telescópio potencializaram o alcance da visão humana a muitos desses processos astronômicos, repercutindo, por exemplo, sobre a concepção de mundo dos homens, como se vê no caso da comprovação das teses heliocêntricas por

Galileu Galilei. Também aqui, a ciência abre as portas para a compreensão de determinações mais profundas da realidade, neste caso, a física.

Essas reflexões em torno do método científico são muito importantes para o presente trabalho. Assim, em relação ao objeto delimitado para investigação, com os grupos de canto coral presentes nos municípios de Mariana e de Ouro Preto, em Minas Gerais, é preciso respeitar e reconhecer sua integralidade, sua história, seus processos constitutivos, suas determinações essenciais, o que pode contribuir para decifrá-los e apresentá-los de forma mais completa, sob uma espécie de “lente de aumento”.

Busca-se; assim, ampliar o conhecimento de forma a relacionar as reflexões abordadas pelo Serviço Social com as experiências dos grupos musicais de canto coral, pensando a música como um meio sensível de capturar e de expressar a realidade concreta, ou seja, de absorver os fenômenos do cotidiano que atuam na imediaticidade e de repor esses fenômenos na forma estética.

Além disso, é importante considerar que tendo em vista que a atuação do profissional assistente social se consolida através da sua intervenção na realidade do sujeito social, o qual, se encontra refém das expressões da “questão social” e a forma com que se dá o atendimento, a sua atuação resulta num processo de transformação da realidade do indivíduo.

Os espaços onde os profissionais assistentes sociais atuam por vezes, tornam-se um campo limitador diante a concretização de ser exercício profissional.

IAMAMOTO (2009) em seu texto “Os espaços sócio ocupacionais dos assistentes sociais”, elege fatores que impactam no exercício da profissão, uma vez que a contextualização das desigualdades sociais perpassam realidades históricas onde as expressões da “questão social” estão se intensificando e que os avanços tecnológicos além de potencializar também influenciam na tipificação dos empregos, reduzindo cada vez mais o protagonismo das ciências.

Em breves palavras entende-se por “questão social” a contradição nas relações entre capital e trabalho, a qual, está presente na lei geral de acumulação capitalista que possui como característica central o pauperismo:

A questão social se expressa em suas refrações (NETTO, 1992) e, por outro lado, os sujeitos históricos engendram formas de seu enfrentamento. Contudo, sua gênese está na maneira com que os homens se organizaram para produzir, num determinado momento histórico [...] o de constituição das relações sociais capitalistas - e que tem continuidade na esfera de reprodução social.

Vale destacar que, quando se fala em produção e reprodução das relações sociais inscritas num momento histórico, sendo a questão social uma inflexão desse processo, trata-se, da produção e reprodução - de condições de vida, de cultura e de produção de riquezas. (BEHRING, E; BOSCHETTI, I, p. 51-52, 2009)

Em decorrência dessas mudanças que ocorreram na sociedade, vão emergindo novas demandas, bem como necessidades de novas habilidades e competências.

IAMAMOTO (2009), coloca em pauta a condição de trabalho que é atribuída ao assistente social, frente a sua conduta ética enquanto profissional e denomina como uma relação de tensão entre essas dimensões, dada que uma conflita com a outra:

O dilema condensado na inter-relação entre projeto profissional e estatuto assalariado significa, por um lado, a afirmação da relativa autonomia do assistente social na condução das ações profissionais, socialmente legitimadas pela formação acadêmica de nível universitário e pelo aparato legal e organizativo que regulam o exercício de uma “profissão liberal” na sociedade (expresso na legislação pertinente e nos Conselhos Profissionais). (IAMAMOTO, 2009, p.7-8)

O que implica no exercício da profissão é o que está previsto no estatuto do assalariado, o qual condiciona ao processo de alienação em que resulta num enfrentamento com os princípios éticos do profissional:

A mercantilização da força de trabalho, pressuposto do estatuto assalariado, subordina esse trabalho de qualidade particular aos ditames do trabalho abstrato e o impregna dos dilemas da alienação, impondo condicionantes socialmente objetivos à autonomia do assistente social na condução do trabalho e à integral implementação do projeto profissional. (IAMAMOTO, 2009, p.8)

Essa “tensão” vivenciada pelo profissional assistente social no mercado de trabalho se consolida no impacto que o projeto profissional sofre ao se deparar com a realidade imposta pelas condicionantes do “reino mercantil” e nesse sentido acontece o confronto entre “teleologia e causalidade”, ou seja aquilo que se espera alcançar, mas com os meios disponíveis na realidade concreta:

Verifica-se uma tensão entre projeto profissional, que afirma o assistente social como um ser prático-social dotado de liberdade e teleologia, capaz de realizar projeções e buscar implementá-las na vida social; e a condição de trabalhador assalariado, cujas ações são submetidas ao poder dos empregadores e determinadas por condições externas aos indivíduos singulares, os quais são socialmente forçados a subordinar-se, ainda que coletivamente possam rebelar-se. Em outros termos, repõe-se, nas particulares condições do trabalho do assistente social profissional, o clássico dilema entre causalidade e teleologia, entre momentos de estrutura e momentos de ação, exigindo articular, na análise histórica, estrutura e ação do sujeito. (IAMAMOTO, 2009, p.8-9)

O que cabe trazer aqui, é o direcionamento dessa intervenção, ou seja, por vezes, a superação da realidade do sujeito acontece por um período curto, pois, pode haver uma resposta rápida, imediata, como também uma resposta aprofundada sobre aquela realidade, trazendo elementos à luz e conseqüentemente, o ser humano à sua capacidade reflexiva enquanto ser social.

Em primeiro lugar, é importante elucidar a contextualização em que se está inserido tanto o assistente social como os indivíduos sociais na malha da sociabilidade. Como já foi mencionado, a ordem vigente é a do capitalismo, que tem como lógica o modo de produção capitalista, a "dinâmica da acumulação" onde, segundo lamamoto (2009), "o mercado é órgão regulador supremo das relações sociais (p.3)".

Nessa dimensão, a qual esse monstro invisível denominado capital, torna-se capaz de acentuar as contradições e o antagonismo de classe é possível por meio de um olhar crítico, capturar reflexões que vislumbram as problemáticas escancaradas e ao mesmo tempo camufladas na sociedade atual.

Aqui a referência se lança às condições precárias de subsistência humana, a exploração da força de trabalho, as desconstruções de políticas públicas, as desigualdades, e conforme lamamoto (2009), a competição e o individualismo.

Trazendo ao nível mais realista das vivências, consegue-se visualizar os afazeres que tomam cada vez mais o tempo útil do ser humano, a redução das atividades de lazer, a elevação de preços, a intensidade do cansaço físico e mental na vida da classe subalterna entre outras tantas condições que estão sendo impostas aos menos favorecidos, aos destituídos dos meios de produção.

A condição que passa a ser consequência de uma defasagem nos serviços ofertados pelo Estado a classe menos favorecida também reconhecida por

Iamamoto (2009), se respalda no que tornou-se às relações sociais, as quais se pautam na obtenção de riquezas concentradas nas mãos de uma minoria e um cenário contemporâneo onde “cresce o desemprego que alimenta a expansão da população excedente, ao lado da desregulamentação e informalização das relações de trabalho, com repercussões na luta salarial e na organização autônoma dos trabalhadores (IAMAMOTO, 2009, p.3)”.

As relações entre os seres sociais tornaram-se cada vez mais automáticas, tanto no sentido da verbalização, quanto no sentido da reflexão, dada as facilidades com que a tecnologia, a globalização possibilita na geração atual. O contato visual, a fala, a interação entre as pessoas está cada vez menos frequente e por mais que possa parecer uma reação somente é também um resultado que favorece a ordem capitalista. Alcançou-se, pois, um patamar onde as relações humanas estão deixando de ser propriamente humanas.

As “coisas” materiais estão ganhando maiores campos de visibilidades em relação às naturais, ora, as mercadorias socialmente produzidas não apenas atendem as necessidades de valorização do valor, mas elas por si só criam necessidades de serem adquiridas. Por mais complexo que seja esse processo alienante que é o capitalismo, é também explícito na nossa sociedade, mas o ponto aqui é apenas destacar os fatores da atual realidade concreta para então se chegar aos impactos na vida da classe trabalhadora, do povo, bem como do sujeito profissional.

Diante do cenário visualizado, entende-se que na imediatividade, são mais destacadas, as relações sociais, pessoais e de trabalho e essas estão cada vez mais seguindo um padrão de respostas rápidas e nesse sentido a humanização não é mais o foco dos processos mas, pelo contrário, a desumanização acaba se tornando uma consequência dessas respostas imediatas.

Não cabe aqui comentar sobre a atuação profissional de outras profissões, tendo em vista que arcabouço teórico, nesse caso, contempla a área do Serviço Social.

Um fato importante é saber qual a intencionalidade da ação profissional frente ao desafio que lhe é colocado. Não existe uma fórmula ou teoria pronta a qual designe como se deve agir diante de uma situação complexa, mas é possível se ater às determinações e aos fundamentos para que daí seja retirada um

embasamento crítico sobre uma intervenção, principalmente sendo esta sobre a realidade de um sujeito.

O que norteia um profissional assistente social são as suas capacidades aperfeiçoadas ao longo do seu processo histórico de atuação e formação. Um elemento a ser destacado na sua ação profissional é a sua instrumentalidade, não sendo referido aos instrumentos somente de que são utilizados, mas a capacidade de adequar os meios e fins:

Com isso podemos afirmar que a instrumentalidade no exercício profissional refere-se, não ao conjunto de instrumentos e técnicas (neste caso, a instrumentação técnica), mas a uma determinada capacidade ou propriedade constitutiva da profissão, construída e reconstruída no processo sócio-histórico. (GUERRA, 2000, p.1)

Essa capacidade, conforme expõe Guerra (2000), é o que direciona o profissional e tenciona a finalidade da sua ação e nesse primeiro momento tem-se o contato com o campo da teleologia, ou seja, a capacidade projetiva ou intencionalidade, em determinadas circunstâncias.

A autora se propõe a tentar esclarecer a instrumentalidade no exercício profissional do assistente social como “uma propriedade ou um determinado modo de ser que a profissão adquire no interior das relações sociais, no confronto entre as condições objetivas e subjetivas do exercício profissional” (p. 01).

A mesma relata por meio da instrumentalidade, “que os assistentes sociais modificam, transformam, alteram as condições objetivas e subjetivas e as relações interpessoais e sociais existentes num determinado nível da realidade social: no nível do cotidiano” (p. 02).

Aqui atinge-se o nível do cotidiano, mas outros dois elementos precisam ser entendidos para se alcançar a proposta de esclarecer a importância do papel do assistente social frente às demandas e urgências da vida social, da vida dos sujeitos sociais.

As condições objetivas trabalhadas por Yolanda Guerra (2000), se referem ao que está posto na realidade, as condições materiais nela inseridas. As condições subjetivas são referentes às escolhas, as tomadas de decisões, aquilo que se refere ao sujeito. Nessas condições objetivas, se tem a presença das causalidades com as quais interagem os pores teleológicos, o trabalho e as práxis sociais.

Todavia, apenas com essas afirmações, o saber se torna insuficiente tendo em vista que a complexidade se dá no confronto entre a intenção e a realidade.

Ao observar as vivências humanas consegue-se captar as particularidades da realidade na qual estão inseridas concretamente cada indivíduo, e por vezes, é onde se encontram as potencialidades das situações e das pessoas, estas que passam despercebidas nas relações imediatas.

Entende-se por potencialidades as características que sejam próprias de um indivíduo e potencialize a sua performance, o seu lugar no mundo, nas relações de produção e a sua posição de classe.

Nesse sentido é a partir do trabalho que a autora com base nos referenciais marxistas, afirma que se dão às relações entre o homem e a natureza, pois para que uma necessidade seja atendida ele precisa primeiramente reconhecê-la enquanto algo real para que atinja um objetivo.

Com isso, para que se tome uma ação inicial parte-se do pressuposto da finalidade pré estabelecida pelo sujeito social e partir dessa prévia ideação utiliza-se dos meios colocados na realidade para que seja executada tal finalidade:

Neste âmbito, o processo de trabalho é compreendido como um conjunto de atividades prático-reflexivas voltadas para o alcance de finalidades, as quais dependem da existência, da adequação e da criação dos meios e das condições objetivas e subjetivas. Os homens utilizam ou transformam os meios e as condições sob as quais o trabalho se realiza modificando-os, adaptando-os e utilizando-os em seu próprio benefício, para o alcance de suas finalidades. Este processo implica, pois, em manipulação, domínio e controle de uma matéria natural que resulte na sua transformação. Este movimento de transformar a natureza é trabalho. Mas ao transformar a natureza, os homens transformam-se a si próprios. Produzem um mundo material e espiritual (a consciência, a linguagem, os hábitos, os costumes, os modos de operar, os valores morais, éticos, civilizatórios), necessários à realização da práxis (GUERRA, 2000, p.3).

É nesse processo de relação do homem com a natureza que Guerra (2000), afirma que ambos são transformados, pois adentraram-se num mundo real, material e espiritual, dada às categorias específicas de cada um conforme traz a autora.

Numa visão macro da realidade, o papel do assistente social é atender as necessidades materiais e simbólico-culturais das pessoas que se encontram em situações de risco existentes nas mazelas da “questão social” o que favorece a introdução de uma lupa imaginária nessa mesma realidade, de modo a se alcançar

uma representação ampliada. Existem, pois, muitos elementos que num olhar imediato não podem ser apreendidos como totalidade.

Apreender esses elementos é uma condição para se poder incidir sobre a realidade do sujeito, sobre a realidade social.

É nesse momento que a autora por meio da instrumentalidade aponta a particularidade da atuação do profissional do assistente social, que consegue intervir nos níveis de ocultamento do real por meio da mediação.

A particularidade aqui se dá na síntese do conhecimento entre o universal e o singular “o particular e o universal já estão em si, contidos no dado imediato e a realidade e a essência deste, só pode ser exatamente compreendida quando essas mediações ocultas na imediaticidade são postas a luz (LUKÁCS, 1978, p. 106)”.

Havendo essa capacidade em que por meio da instrumentalidade pode-se “modificar, transformar, alterar as condições objetivas e subjetivas e as relações interpessoais e sociais”, os profissionais possuem então uma possibilidade de resgatar o sujeito vítima da desumanização em que consiste o modo de produção capitalista. Cabe lembrar aqui, que a instrumentalidade se dá também na ordem do capital, mas com a finalidade daquilo que Guerra (2000) chama de “instrumentação das pessoas”:

O exemplo mais desenvolvido de conversão dos homens em meios para a realização de fins de outros homens é o da compra e venda da força de trabalho como mercadoria, de modo que a instrumentalidade, convertida em instrumentalização das pessoas, passa a ser condição de existência e permanência da própria ordem burguesa, via instituições e organizações sociais criadas com este objetivo. (GUERRA, 2000, p.4-5).

Aqui, consegue-se identificar a intencionalidade da ordem vigente, dada a sua objetivação no lucro.

Contudo, conforme abordado por Guerra (2000), “o trabalhador deixa de lado suas necessidades enquanto pessoa humana e se converte em instrumentos para a execução das necessidades de outrem” (apud Lessa, 1999, p. 05)”. E, por consequência, surgem condições inadequadas de subsistência, de vida e de sociabilidade que derivam desse processo em que o homem torna-se um meio para uma finalidade externa e estranha

Com base no que foi exposto até aqui, vale ressaltar que para além da instrumentalidade da profissão existe a sua “utilidade social” que de acordo com Guerra:

A utilidade social de uma profissão advém das necessidades sociais. Numa ordem social constituída de duas classes fundamentais (que se dividem em camadas ou segmentos) tais necessidades, vinculadas ao capital e/ou ao trabalho, são não apenas diferentes mas antagônicas. A utilidade social da profissão está em responder às necessidades das classes sociais, que se transformam, por meio de muitas mediações, em demandas para a profissão. (GUERRA, 2000, p.6).

Por fim, o cotidiano para além de um cenário de aparências é principalmente, o terreno onde desaguam e se consolidam as essências.

No capitalismo, as vivências humanas se esvaziam cada vez mais por atenderem aos princípios de uma lógica que descentraliza as necessidades do homem da realidade e o qualifica como um meio para valorização do valor, e não como uma finalidade a ser alcançada.

A instrumentalidade do Serviço Social está nas mediações que se dão nas ações reflexivas interventivas sobre a realidade concreta, por isso, as respostas diante das requisições precisam confrontar a imediatividade tendo como resultado o resgaste dos sujeitos diante ao cenário movediço que se consolida a ordem do capital.

A estrutura deste presente estudo se divide em dois capítulos, onde, no primeiro, serão tratados e discutidos artigos que trazem diferentes abordagens sobre os grupos musicais, sobre a natureza e o papel da arte e da música, além de suas possibilidades formativas e educativas. Neste primeiro, serão abordados artigos, os quais no primeiro, as abstrações são perceptíveis e uma matriz funcionalista ganha força mas não contempla a concretude dos sujeitos. Contudo, no que seguirá logo adiante, será possível tatear um pensamento que procura vislumbrar uma crítica e alcançar uma concreção, mas ainda assim de maneira eclética.

Já no segundo capítulo, apresenta-se um estudo realizado por meio de uma pesquisa empírica que teve como objetivo uma aproximação a como se constituem socialmente os grupos de canto coral da cidade de Mariana, a como esses grupos se caracterizam e atuam. Neste segundo momento do trabalho, foi possível

identificar como os grupos se consolidam e como identificam o papel da música e da arte como elemento de impacto na sociedade.

Entender os processos que levam às representações das formas sensíveis de uma realidade que, ao nosso ver, atualmente encontra-se submetida ao funcionamento e aos imperativos cegos do modo de produção capitalista, assentado em expropriações e produtor de violências tanto de ordem material como de ordem simbólico-cultural, é também aqui, um ponto de referência e de balizamento para se compreender como a refiguração da realidade se legitima através de uma inquietação social, que ocupa a mente humana e gera as formas de luta e resistência subjetivas, imprescindíveis para as formas de interação e práxis transformadoras da realidade.

Importa saber aqui que essas representações são reflexos gerados pelos homens em sociedade, que perpassam as vias sensíveis e as formas de consciência, e que essa sensibilidade se concretiza por meio dos impactos entre fenômenos que se manifestam no cotidiano e que expressam determinações mais profundas da existência social.

Se esses pressupostos são pertinentes, pode-se indagar: de que modo, e em que medida, a música e o canto coral podem trazer à tona determinações mais essenciais da nossa vida social? Como essas vias podem potencializar as práxis sociais em geral e, em particular, as práxis profissionais das/os assistentes sociais?

1 - DIFERENTES ABORDAGENS SOBRE A NATUREZA E O PAPEL DA MÚSICA E DO CANTO CORAL

1.1 - Abordagem sobre a natureza e o papel da música e do canto coral – tendências funcionalistas

Para o desenvolvimento deste Trabalho de Conclusão de Curso serão analisados a princípio, em termos breves, alguns artigos que tratam da música e do canto coral, discutindo seus fundamentos e seu papel na sociedade. Um desses textos é de autoria de Éliton Pereira e Miriã Vasconcelos (2007), e é intitulado “O processo de socialização no canto coral: Um estudo sobre as dimensões pessoal, interpessoal e comunitária”.

Neste artigo, os autores corroboram a ideia de que “a atividade coral é uma trama rica de possibilidades formadoras de humanização e socialização” comunitária” (MATHIAS, 1986; GROSSO, 2004; ANDRADE, 2003 apud PEREIRA, É; VASCONCELOS, M., 2007, p. 100).

Todavia, é importante destacar que diante desta afirmação os autores não aprofundam a análise, ou seja, não especificam em detalhes concretos de como se dá esse processo de humanização e socialização.

Segundo Pereira e Vasconcelos (2007), a prática do canto coral possibilita a interação social entre sujeitos fazendo com que o processo de humanização se aflore mediante as relações vivenciadas entre os mesmos.

Eles ponderam também que essa prática do coral, por mais que promova a socialização e a humanização, não consegue ganhar espaço nos programas de desenvolvimento social:

Por outro lado, verifica-se que os programas educativos da atualidade não têm dado a atenção devida para o potencial formativo da atividade coral (PENNA, 1999, 2001). Acredita-se que pesquisas que revelem os potenciais sócio-educativos desta prática possam colaborar para fortalecer o desenvolvimento de projetos e ações ligadas à educação musical, cultural e social. (Pereira, É.; Vasconcelos, M., 2007, p.100).

Pereira e Vasconcelos (2007), se orientam, em seu estudo, em pressupostos e referenciais que buscam uma interação próxima entre os campos da sociologia, da psicologia educacional e da pedagogia musical, buscando analisar como a

interação entre diferentes campos e práticas ligados à socialização e ao coral repercutem na vida dos sujeitos integrantes desses espaços.

Os autores ponderam que a prática do coral é responsável por promover potencialidades diversas nos sujeitos, por isso, é uma atividade que atravessa mais de uma área do conhecimento.

No que se refere ao sujeito e suas relações sociais, os autores direcionam essas categorias ao campo das ciências sociais, e nesse sentido, conforme esses autores, na atividade do coral é possível que o sujeito social ganhe uma amplitude de percepção dos fatos sociais.

Os autores corroboram a ideia de Souza (2004), segundo a qual “o primeiro princípio é saber que a música é um fato social e em segundo lugar é necessária uma abertura às dimensões e funções que o conhecimento em música pode abranger” (SOUZA, 2004, apud PEREIRA, É; VASCONCELOS, M., 2007, p. 106)

A música para os autores estudados, é um fato social, dado que exerce entre os envolvidos na prática musical uma interação, uma relação a qual promove habilidades entre os mesmos.

As considerações que os autores fazem no tópico de abertura do texto, dedicado à “Sociologia e pedagogia musical no canto coral”, explicitam o referencial teórico no qual se baseia: a teoria social de matriz funcionalista. Assim, os autores se valem de intérpretes e conceitos que estabelecem que a “socialização é o processo pelo qual um indivíduo desenvolve suas formas específicas e socialmente relevantes de comportamento e de vivência, convivendo ativamente com outras pessoas (PEREIRA, É; VASCONCELOS, M., 2007, p.101)”.

Distinguindo o “fazer social” do “tornar-se social”, os autores estabelecem que:

O “tornar-se social” considera o processo da socialização do ponto de vista do indivíduo: de que forma o indivíduo experiencia as medidas de socialização e de que forma se realizam nesta ocasião as modificações de vida e de comportamento. Neste contexto, se evidencia que o processo da influência das instâncias de socialização sobre o indivíduo se dá em forma de mútua interdependência. (Pereira, É.; Vasconcelos, M., 2007, p.101).

Não é difícil perceber como essas elaborações, alinhadas ao funcionalismo e à matriz positivista, movem-se sempre em e por abstrações das formas concretas da vida:

Fica evidente, deste modo, a necessidade de se partir de fatos constatáveis em análises sociológicas. Émile Durkheim (1973) explica que é necessário ter os fatos sociais como princípios e é necessário determinar quais são estes fatos. Segundo ele certos fatos apresentam características especiais, estas consistem em maneiras de agir, pensar e sentir exteriores ao indivíduo e dotadas de poder coercitivo. Constituem, portanto, uma espécie de fatos que devem ser qualificados como fatos sociais. Nesse sentido, acreditamos que há um processo de socialização no canto coral e, conseqüentemente, um desenvolvimento favorável ao participante desta atividade. Este desenvolvimento acredita-se, é propiciado pelas relações travadas entre as pessoas, porém tendo como canal e vínculo entre elas aquilo que seria o elemento principal – a música, que traz novas formas de agir, pensar e sentir. (Pereira, É.; Vasconcelos, M., 2007, p.102).

No tópico 2 do artigo ora analisado, essas bases são desdobradas no “processo de socialização, do tornar-se social”, onde se considera o processo da socialização do ponto de vista do indivíduo: de que forma o indivíduo experiencia as medidas de socialização e de que forma se realizam nesta ocasião as modificações de vida e de comportamento.

Introduzindo um diálogo crítico com os autores, é possível perceber, nas suas elaborações, abstrações do sentido concreto da realidade dos sujeitos, desvinculando-os de suas peculiaridades na realidade concreta.

Dessa forma, os autores apontam que nesse contexto se evidencia o processo da influência das instâncias de socialização sobre o indivíduo e que se dá em forma de mútua interdependência

Esse processo de socialização é tomado nos termos de “socialização primária” e “socialização secundária”, onde “a primeira inicia com o nascimento e pode-se dizer que se conclui depois de uma série de passagens até o início da vida adulta”, e a qual, “a segunda compreende todo o aprendizado que o indivíduo deve realizar no trabalho, no relacionamento com os colegas, em casa, na relação a dois, no tornar-se pai ou mãe até a terceira idade (PEREIRA, É; VASCONCELOS, M., 2007, p. 103)”.

Os processos de “socialização primária”, para os autores ora analisados, compreendem um “modelo geral” que, em termos detalhados, implicam: “a) A linguagem; b) O saber natural ou “senso comum”; c) As regularidades sociais; d) A consciência sobre papéis e representações; e) A construção da identidade; f) Valores (PEREIRA, É; VASCONCELOS, M., 2007, p. 103)”.

Prosseguindo num diálogo crítico com os autores, pode-se entender que tudo isso é muito distinto de como os referenciais da tradição marxista entendem como “processo de socialização”, fundamentados desde o trabalho e balizados pelas relações sociais de produção e reprodução de riqueza e de vida.

Podemos então indagar: esse modelo geral, que abstrai da vida real, concreta, de homens e mulheres concretos, que produzem e reproduzem suas vidas numa sociedade determinada, a sociedade burguesa, capitalista. Esse modelo geral dá conta de explicar a vida? Dá conta de estabelecer uma plataforma para se entender a música e o canto coral e suas repercussões sobre os processos de formação humana?

No tópico 3 do artigo analisado, tópico intitulado “Um modelo de socialização musical”, as ideias fortes dos autores giram em torno do que eles chamam de “uma ‘forma de vida musical” (NANNI, 2000. PEREIRA, É; VASCONCELOS, M., 2007, p. 104)

Nesse sentido, conforme abordam os autores, “entre as infinitas informações, que a partir do nascimento adquirimos, algumas dizem respeito, em modo mais ou menos direto à música, aos músicos, aos concertos, aos discos” (PEREIRA, É; VASCONCELOS, M., 2007, p. 104)

A partir desses referenciais, eles demarcam uma “tipologia de conhecimento musical” estabelecida a partir de:

1) *Saber de referência*: O que é música? Quem é o músico? Quem se tornará um músico? Como se tornar músico? 2) *Saber de orientação*: O que é uma peça musical? Que tipo de sentido posso esperar escutando uma peça musical? O que é um gênero, um estilo, uma forma? O que posso esperar de um gênero, estilo e forma musical? 3) *Saber do objeto*: O que me diz? Que efeito exerce sobre mim? Que sentido ou significado tem esta peça musical?” (PEREIRA, É; VASCONCELOS, M., 2007, p. 105)

Essa “forma de vida musical”, de acordo com as ideias corroboradas pelos autores, advém das relações de absorção e “troca dos indivíduos com a cultura ambiente”. Aqui, mais uma vez, é imprescindível questionar: “a cultura ambiente”, abstratamente tomada, é um conceito ou uma categoria adequada ou suficiente para dar conta dos processos de socialização e de formação musical?

Para os autores, a música como elemento social, dada a sua representação, perpassa pela dimensão pessoal, pois “atravessa as estruturas de nossas

habilidades harmonizando-nos com o nosso eu interior” e pela dimensão interpessoal, já que o mesmo se dá no sujeito próximo e com a sociedade.

Novamente, aqui, é possível ver como os autores tratam a música, a socialidade, a personalidade e a interpessoalidade em termos abstratos.

É no interior desse quadro abstrato que os autores situam o canto coral. Os mesmos reúnem e articulam diferentes pensamentos e teorias buscando indicar possibilidades e contribuições nos âmbitos comportamentais, psicológico, sociológicos, movendo-se aqui, sempre orientados por abstrações que impedem adentrar o âmago da vida real, condição de possibilidade de uma apreensão e discussões potentes da música, da formação musical, e das práticas do canto coral.

Analisando as dimensões “pessoal, interpessoal e comunitária presentes no processo de socialização no canto coral”, os autores, aqui também movendo-se em procedimentos abstratos cuja suficiência pode – e, ao nosso ver, deve – ser questionada, corroboram a ideia de que “que a música se trata de uma força única, vinda de uma ação comum, capaz de comunicar o concreto do mundo dos sons, o abstrato da beleza da harmonia e a plenitude transcendental” (PEREIRA, É; VASCONCELOS, M., 2007, p. 109)

O que se encaminha, na argumentação que segue, por vieses, de certa forma românticos, como se lê nos seguintes termos que eles referenciam: “Esta comum ação do som nos é dada pela unidade que é o princípio de todas as coisas que se vêem na natureza” (MATHIAS, 1986, p. 15 apud PEREIRA, É; VASCONCELOS, M., 2007, p. 109)

No mesmo nível de elaboração que enquadra as determinações da realidade concreta na moldura abstrata do funcionalismo, lê-se: “a música atravessa as estruturas de nossas identidades, harmonizando-nos com o nosso eu interior (dimensão pessoal), com o outro social (interpessoal) e com a sociedade em que vivemos”. (PEREIRA, É; VASCONCELOS, M., 2007, p. 109)

A título de desfecho e síntese das elaborações dos autores, das suas teses e argumentos, do seu sentido e do seu alcance, registre-se a seguinte passagem:

Acredita-se que o canto coral seja uma prática engendrada de possibilidades relativas a essas dimensões, porque propicia relações com a música de forma direta, relações subjetivas – nas quais podemos nos comunicar conosco mesmos em uma esfera de relação harmonizadora. Temos, também, neste contexto, contato com pessoas com propósitos comuns – a alegria de cantar e de se expressar por meio dos sons – da voz. Juntos podem transmitir mensagens, ideologias e atitudes para a comunidade. Estes valores são internalizados por um processo de intervenção da música. Ou seja, a dimensão (sonora) abre caminhos para a troca e a internalização de conceitos e comportamentos em muitos casos mais harmonizados com a humanização nas relações. Pereira, É.; Vasconcelos, M., 2007, p.109)

Mais adiante, quando mais elementos de pesquisa estiverem apreendidos e apresentados, essas ideias e posições serão retomadas e discutidas.

1.2. Abordagem sobre a natureza e o papel da música e do canto coral – tendências ligadas ao universo teórico-cultural marxista e problemas do ecletismo.

Outro texto que também serviu para desenvolver o presente trabalho foi o das professoras Maria José Dozza Subtil e Regina Stori (2019), o qual tem como tema “Diversidade e Música: a potencialidade de humanização pela educação musical na escola”, um texto, vale dizer de saída, que busca ancorar-se numa matriz e num universo teórico-cultural distinto do anterior, como será visto nas linhas que seguem.

Conforme as autoras esclarecem, “o texto apresenta discussão realizada na Mesa Redonda sobre “Música na Educação Básica: Abordagens e diversidade” durante o *IV encontro de Educação Musical* do Colégio Pedro II em 2018” (p. 11), sendo que “trata-se de uma reflexão teórica e histórica sobre o tema, embasada no Materialismo Histórico e Dialético”, de uma reflexão ancorada em acúmulos de reflexões e pesquisas docentes.

Sendo o universo escolar um âmbito privilegiado de interesse das investigações das autoras, elas consideram, tendo em vista um cenário mais abrangente, as repercussões dos princípios e das práticas neoliberais, que num contexto recente, se intensificam, onde os conhecimentos investidos são aqueles que atendem aos interesses do capital e do mercado de trabalho.

Nesse âmbito, as humanidades são suplantadas por outras áreas do saber, especialmente, aquelas mais diretamente ligadas a interesses econômicos e pragmáticos, o que impacta a formação cultural estudantil.

As autoras consideram que:

No atual estágio do capitalismo, o Estado, como poder determinante na produção das diretrizes para a educação, apresenta demandas que excluem as humanidades dos currículos em função da produtividade do capital e do mercado. Os princípios neoliberais estão visíveis nas reformas e propostas curriculares em discussão no momento, afirmando os conhecimentos que possuem utilidade e aplicabilidade imediata no mercado de trabalho, como visto nas últimas decisões dos encaminhamentos legais. (SUBTIL, M.; STORI, R. 2019, p.11).

É evidente que, para um funcionamento do capital de forma fluida, quanto menor a interferência de uma formação humanista, de caráter amplo, que envolva, por exemplo, uma sólida formação no campo das artes (bem como os respectivos investimentos e custos), tanto melhor será a sua produtividade favorecendo o desenvolvimento do modo de produção capitalista.

Uma forma de tornar esse processo cada vez mais eficaz, é distanciando o sujeito do acesso a recursos que potencializam suas possibilidades e capacidades emancipatórias, suas capacidades de autonomia e protagonismo na vida, suas capacidades sensíveis e de conhecimento teórico social.

Ora, se os sujeitos passam a entender o funcionamento do modo de produção em vigência, e passam a decifrar os seus processos e as suas finalidades, isso abre para a precedentes de interações críticas e organizadas com essa realidade, de forma a abrir para a classe trabalhadora a possibilidade de pleitear e lutar por melhorias nas condições de vida.

Por outro lado, evidentemente, não interessa aos produtores de riqueza que haja essa abertura ou até mesmo os direitos a uma melhor condição de vida. Nesse sentido, não há por que o Estado e a classe dominante investirem numa melhor qualidade na educação, porque a possibilidade de reflexão e recursos à população pode colocar o funcionamento do modo de produção em questão. Com isso, a alienação se torna cada vez mais intensa na sociedade recente, afastando a população do pensamento crítico:

Nesse sentido, é necessário lembrar Vázquez (1978, p. 171) que afirma a “[...] hostilidade da produção capitalista à arte”, e sinaliza para o fato de que enquanto não houver superação do modo de produção vigente, as condições de criação e fruição estéticas são prejudicadas. A passagem do reino da necessidade para o reino da liberdade seria a condição sine qua non para a prática e o usufruto da arte. (SUBTIL, M.; STORI, R. 2019, p.11-12).

Se uma frente principal das preocupações e das elaborações das autoras remete mais fortemente a essa dimensão político-ideológica, outra frente volta-se aos processos educacionais e formativos em sentido próprio.

Com isso, como será visto linhas abaixo, as autoras retomam categorias filosóficas trazidas por Lukács (1970), entre elas, as categorias da singularidade, da particularidade e da universalidade.

Antes, porém, de adentrar esse âmbito, vale resgatar o enquadramento que as autoras esboçam da música como um fenômeno histórico-social, no âmbito da educação humana, o que pode ser considerado um ponto de distanciamento das suas posições em relação ao texto considerado no tópico anterior do presente estudo. Nesse sentido, elas consideram que:

Historicamente a Música se insere na educação desde a Antiguidade. Para os gregos ela está no mesmo nível da filosofia e da matemática, pelo seu caráter formador e equilibrador, pois influenciaria o indivíduo, alterando os estados da alma. A importância da educação musical para os jovens gregos está no fato de que, ao vivenciar o ritmo e a harmonia, o homem pode refinar as ideias, exaltar os sentimentos e a emoção, e em decorrência alcançar a perfeição e o equilíbrio.(SUBTIL, M.; STORI, R. 2019, p.12)

Argumentando nessa mesma direção de enquadramento da música na moldura da história, as autoras consideram que:

Na Idade Média a educação musical desloca-se na direção da formação de dois profissionais: o *musicus* e o cantor. A educação do primeiro possuía um caráter científico: a música praticada – tal como na Grécia, enquanto disciplina do *Trivium* e do *Quadrivium* - com finalidades especulativas. Ao segundo, destinado às funções da Igreja, era dada uma formação mais prática: salmos, cantos e notas. Aqui ela adquiriu uma conotação de prática a serviço de outra prática, no caso a religiosa (MARTINS, 1992; BEYER, 1994, apud SUBTIL, 2003, p. 201-202, apud SUBTIL, M.; STORI, R, 2019, p. 12-13).

Neste passo da apresentação, as autoras não demonstram argumentos no sentido de situar a música nos marcos da sociedade moderna, burguesa. Por um lado, elas consideram, como já indicado nessas linhas iniciais, os aspectos

deletérios do capitalismo para a formação e para a prática musical. Por outro, elas optam por adentrar caminhos mais concretos considerando certas particularidades históricas e substantivas da música no Brasil:

No Brasil, a introdução da arte em geral e da música em particular no campo pedagógico decorre desta herança humanista europeia, da visão pragmatista norte-americana evidenciada no escolanovismo, além da marcante tendência tecnicista da reforma na Lei n.5.692/71. (SUBTIL, 2012). Na década de 1930, Villa-Lobos assentou as raízes de sua música na tradição folclórica e popular, e idealizou o projeto do Canto Orfeônico, como ensino de canto coral (orfeão) para as escolas brasileiras, fundamentado na teoria musical. SUBTIL, M.; STORI, R, 2019, p.13).

Não se trata aqui de adentrar e discutir em detalhes aspectos históricos, mais gerais ou mais específicos, de conformações diversas da música e do canto. Interessa, neste momento, sinalizar para as diferenças teórico-metodológicas e de posição desta abordagem (que vai no sentido da concreção) em relação àquela apresentada no tópico anterior (que vai no sentido da abstração).

Assim, podemos adentrar o tópico em que as autoras intitulam “Para que servem a arte e a música?” Aqui, é possível perceber que elas recorrem a um amplo leque de referenciais teóricos diversos, o que acaba comprometendo seu texto, na medida em que elas diferenciam posições que são substantivamente diversas.

Nesse sentido, elas recuperam um referencial marxista potente, afirmando que “A função da arte é humanizar e potencializar as forças essenciais do homem que se torna humano pela educação e pela sensibilização dos seus sentidos” (p. 15)”. Para sustentar essa afirmação, elas citam o próprio autor alemão:

Vendo a questão do ponto de vista subjetivo, verificamos que o sentido musical do homem é despertado apenas pela música. A música mais bela não tem nenhum sentido para o ouvido não musical, pois não é para ele um objeto, porque o meu objeto só pode ser a manifestação de uma das forças do meu ser (...) A formação dos cinco sentidos representa o trabalho de toda a história do mundo até hoje.(MARX, 1986, p. 100 apud SUBTIL, M.; STORI, R, 2019, p. 15)

Na sequência, no entanto, as autoras fazem um ajuntamento de filósofos e obras que precisam ser trazidos com mais cuidado, dadas a importância e as ideias distintas que estão nessas obras:

Aristóteles (384-322 a.C.) considera fundamental a experiência da catarse ensejada pela arte. Schiller (1759-1805) diz que ela é a melhor maneira de fundir o lado natural, sensível do homem com a sua dimensão racional. Nietzsche (1844-1900) afirma a união entre o espírito dionisíaco - estado selvagem de exaltação e embriaguez, e o espírito apolíneo - ordenado e frio como fundamentos da experiência artística (REALE; ANTISERI, 1991, vol. 1 e 3). Esses filósofos reforçam a ideia de que essa é uma das formas mais importantes de humanização pela potencialização das dimensões que caracterizam o ser humano. SUBTIL, M.; STORI, R, 2019, p. 15).

Esta passagem atesta então um limite do texto ora considerado, que estamos identificando aqui como próprio ao ecletismo de uma elaboração que carece de desenvolvimento e precisão.

As autoras trazem ainda citações, entre outras, de Hegel e de Schumann, muito embora a intenção mais delimitada de um artigo, esses limites precisam ser demarcados, não obstante o intuito teórico-metodológico de situar essas obras num enquadramento histórico, concreto.

Na sequência do texto, as autoras adentram o tópico “Música e sociedade – a diversidade como possibilidade de formação humana”. Também aqui é possível constatar a mistura de referenciais que estão no campo crítico, mas que são distintos (por exemplo, Subtil, Saviani e Said).

Elas abrem o tópico com uma elaboração de Subtil, a qual, sustenta que,

“A origem da arte está no homem concreto, histórico e social que humaniza a natureza, se humaniza nesse processo e ao fazê-lo assume uma dimensão universal (genérica), porque revela a capacidade criadora elevada à sua potência máxima na produção de obras e processos artísticos (...). (SUBTIL, M.; STORI, R, 2019, p. 17)

Comentando esta citação, as autoras acreditam que “Essa universalidade da arte é mediada pela particularidade de classe social e histórica na qual foi criada”(p.17). Aqui reaparecem as categorias da particularidade, da universalidade e da singularidade.

No desenvolvimento do argumento, duas compreensões sobre a função da arte são destacadas. Um delas, é a de Saviani:

Saviani (1991, p. 23) afirma que a função social da educação é '[...] produzir, direta e intencionalmente, em cada indivíduo singular, a humanidade que é produzida histórica e coletivamente pelo conjunto dos homens'. Isso quer dizer que a universalidade da música é o repositório das produções da humanidade que constituem os estilos, os compositores, e as músicas em seus aspectos singulares (ou seja, os gênios, os homens comuns e as comunidades que fazem música) em tempos e espaços históricos diversos, considerando etnias, classes sociais e condições materiais de existência (a mediação da particularidade). Todos somos herdeiros e temos direito ao acesso e ao conhecimento dessa produção. É isso o que Saviani quer dizer com "produzir em cada indivíduo singular a humanidade [...]'. (SUBTIL, M.; STORI, R, 2019, p. 17).

A outra delas é a de Said, que

É necessário situar a música no cenário social e cultural. Nesse espaço ela transgride, não tem papel passivo, subordinado. Por isso ela se prende a uma realidade, torna-se parte das formações sociais, desvela, descreve e relata, mas se solta e transcende, não permanece sempre igual: 'Aquele qualidade que tem a música de viajar, atravessar, ir de lugar em lugar em uma sociedade, ainda que muitas instituições e ortodoxias tenham tentado confiná-la'. (SAID, 1992, p.23 apud SUBTIL, M.; STORI, R, 2019, p. 17).

A título de síntese das reflexões das autoras neste ponto, destaca-se que:

A ideia de que mais do que propor um repertório diverso de músicas é necessário remeter tais práticas à universalidade da arte/música como instrumento de humanização e hominização pela mediação da particularidade histórica social e contextual, isso supõe a prática constante da reflexão teórica e histórica. (SUBTIL, M.; STORI, R, 2019, p. 18)

Nas elaborações que seguem, alguns dos pontos tratados pelas autoras serão retomados e discutidos.

1.3. Arte, música, formação humana: contribuições de pesquisas em torno da teoria estética marxista lukacsiana

Ao deparar-se com a palavra humanização, entende-se que predomina nesse processo o evoluir e o desenvolver do homem a partir das suas características específicas, o que remete a uma característica fundamental do humano, sua capacidade teleológica. Por consequência, as suas categorias passam por uma superação dialética em relação às categorias da natureza, e sobre isso, Campos Silva (2018), aponta um "salto qualitativo da forma de ser (p.6)".

Um elemento fundamental para esse "salto" no processo de humanização, é o trabalho, pois ele é que de fato diferencia o homem do animal, e coloca uma

especificidade na sua relação com a natureza e na sua forma de produzir e reproduzir a vida. Nesse sentido, “o ser social, antes de tudo, é um ser biológico, com as bases do ser natural orgânico e, é sobre essa estrutura que surgem as categorias de ‘produção’ e ‘reprodução’ da vida” social. (SILVA, 2018. p. 85 apud CAMPOS SILVA, 2018)”.

É importante destacar aqui que o trabalho é também um processo coletivo, que envolve vários outros complexos sociais, e com isso a ação humana envolve sempre formas de interação social:

Considerando o trabalho como uma atividade que não se realiza de forma isolada, ao contrário, “é, sempre, atividade coletiva” (NETTO, 2006, p. 34), têm-se que seu sujeito também não é isolado, “se insere num conjunto [...] de outros sujeitos”. Portanto, é esse “caráter coletivo do trabalho” que se denominará de social, ou seja, só se caracterizará como tal se feito em sociedade. (CAMPOS SILVA, 2018, p.10)

Pelo trabalho se produz o novo, pela capacidade teleológica se produzem valores de uso para satisfação de necessidades humanas, e o aperfeiçoamento do trabalho e de forças produtivas desencadeiam uma reprodução ampliada.

Conforme esse processo de trabalho foi ganhando aperfeiçoamento, conseqüentemente, outros fatores foram se concretizando como resultado dessas intervenções do homem. A realização de trocas de mercadorias socialmente produzidas alcança um estágio superior em relação ao trabalho como mero produtor de valores de uso porque aqui já não existem apenas necessidades imediatas que precisam ser supridas, mas necessidades criadas pelos próprios homens para que a reprodução do “novo” ganhe espaço na sociedade.

Para entender melhor, Campos Silva (2018), destaca que a partir dessa dialética de aperfeiçoamento que aconteceu no evoluir dos processos do trabalho, surgiram os “pores teleológicos secundários” que são exclusivos das relações sociais entre os homens:

Assim sendo, para além das relações homem-natureza com o desenvolver da dinâmica de produção e reprodução (ampliada) cresce o âmbito das relações que os homens estabelecem entre si, bem como surgem e se expandem os chamados os pores teleológicos secundários, cujo objeto e cujos fins são as próprias relações sociais, a consciência e o comportamento dos homens. Nesse sentido, temos que esses pores de novo tipo “podem ser identificados” já “no surgimento da cooperação” e nas requisições que ela traz, entendida “como uma forma específica e mais remota de divisão social do trabalho, de força produtiva social, organicamente derivada do trabalho e da sociabilidade.” (SILVA, 2018. p. 93-94 apud CAMPOS SILVA, p. 12-13).

Nesse trecho acima, são exemplificados os pores teleológicos secundários, que são “pores de novo tipo”. Assim, temos que a partir do trabalho o ser humano produz um mundo objetivo e também produz em si mesmo capacidades novas. É nesse âmbito que o ser humano desenvolve também capacidades estéticas. Nos termos de SILVA (2022, no prelo):

As categorias sociais em geral e, evidentemente, no âmbito destas, as categorias do estético, têm suas origens e desenvolvimento nos *processos autoconstitutivos* dos homens, nos *processos de humanização*, da produção de um mundo próprio, social, objetivo e subjetivo. As capacidades estéticas e artísticas dos homens não são tomadas, por exemplo, como atributos e predicados intrínsecos, dispostos de uma vez por todas na subjetividade humana, expressos numa suposta genialidade apriorística do artista. Antes, tais capacidades se forjam a partir da forma específica da atividade humana, imbricadas à socialidade e à historicidade. (SILVA, 2022, p. 16, no prelo).

Sobre os pores teleológicos secundários, eles surgem para responder às necessidades da sociabilidade, da interação entre os seres humanos, em determinados contextos. Nas sociedades contraditórias, como é o caso de todas as sociedades classistas, são esses pores teleológicos secundários que surgem para “dirimir conflitos sociais” (Lukács, 1967), como se vê no caso dos pores teleológicos do direito e da política, da ciência e da filosofia, da religião, e também no caso da arte.

Temos assim uma sinalização, ainda que bem geral e introdutória, da função social da arte. Nesse âmbito, faz-se necessário compreender acerca do fetichismo pois, a arte será tomada como um “antídoto” contra as formas de representação fetichizadas. Uma vez que a arte resgata as essências por trás das aparências, ela alcança e impacta a sensibilidade no indivíduo de modo a retirá-lo da superficialidade do cotidiano.

Para a autora Campos Silva (2018, p. 06), “a fetichização é um processo da vida cotidiana que, no capitalismo, avança na medida em que as contradições se acirram”:

A arte pode ser um antídoto à fetichização, pois ela traz a essência dos fenômenos que se mostram aparentes no nível da cotidianidade, eleva o indivíduo ao gênero, incide sobre a sua sensibilidade, além de possibilitar ao homem um comportamento novo perante a vida.(CAMPOS SILVA, 2018, p. 06)

Para se aproximar e discutir inicialmente esses aspectos das origens e da função social e histórica da arte, nessas referências da estética marxista, conforme as elaborações de Lukács, um tema muito importante é o da vida cotidiana. De acordo com SILVA (2022, no prelo):

Essa orientação teórico-filosófica histórico-materialista, confrontando e contestando as concepções que tomam as “chamadas atividades espirituais do homem” como “entidades da alma” (LUKÁCS, 1969, p. 12), e situando essas atividades como predicados forjados nos processos de humanização, no âmbito das formas reativas que os homens elaboram para lidar com o mundo e as categorias da realidade natural e social, abre para a consideração e tratamento da formação da subjetividade humana e das formas do reflexo da realidade a partir das relações primárias que o homem estabelece com o mundo externo, de modo que ganha relevo e proeminência a categoria ou estrutura categorial da *vida cotidiana*. É no chão da vida cotidiana que os homens lidam primariamente com o mundo externo, com as categorias da realidade, forjando nessa relação suas formas específicas subjetivo-práticas e sociais de produzir e reproduzir um mundo próprio. Esse ‘forjar’ de predicados, capacidades e categorias sociais tem no trabalho sua forma originária e mais fundamental, contudo, sobre essas bases, os homens vão constituindo e desenvolvendo também, na história, um conjunto crescente de forças e capacidades produtivas, sociais, de formas específicas de reflexo e objetivação da realidade, como aquelas que vão conformando os campos da ciência e da arte. (SILVA, 2022, p. 16, no prelo).

Um caminho interessante de aproximação à tematização da vida cotidiana nessa perspectiva pode ser aquele que pensa essas relações primárias e mais fundamentais da subjetividade com o mundo a partir das categorias filosóficas da singularidade, da particularidade e da universalidade.

Ao deparar-se com o cotidiano, obtém-se que o chão das relações humanas é onde acontecem as interações e é de onde são extraídas as categorias da vida humana. É também na vida cotidiana que existem a imediatividade, a superficialidade, mas, ao adentrar suas camadas consegue-se perfurar com essa

barreira do imediato e capturar as particularidades existentes nessa esfera: “[...] a vida cotidiana corresponde a uma relação fenomênica do homem com o mundo externo, aparente, superficial. Portanto, a imediaticidade é um traço característico dessa relação” (p. 14).

Ao romper com a barreira da imediaticidade do cotidiano, segundo Campos Silva (2018), o homem dá um salto que o especifica diante dos outros seres. Cabe lembrar que o trabalho, como já mencionado, é a categoria central desse salto qualitativo:

Esse salto se dá, antes de tudo, pelo trabalho, pela forma específica da atividade humana e, sobre essas bases, pelas formas de reflexo da realidade, chamadas por Lukács de atividades espirituais do homem, “arte, ciência, filosofia etc”, que se desenvolvem como tal “para responder a determinadas necessidades humanas, sociais, na história.” (SILVA, 2018, p. 185-186). A ciência e a arte são consideradas instrumentos específicos para responder a estas necessidades. (CAMPOS SILVA, 2018, p. 14)

Novamente aqui, a autora retoma que de acordo com a estética marxista, “a ciência e a arte são responsáveis por responder às necessidades humanas, sociais”, mais complexas, “na história”. Desse modo, não se deve menosprezar que essas duas esferas da atuação humana, associadas e para além da categoria do trabalho, são fundamentais para evidenciar as ações do homem enquanto ser e no seu reflexo da realidade, na refiguração da mesma.

Campos Silva (2018, p. 15), aponta que o trabalho “contém uma menor profundidade nas mediações desta mesma realidade, em relação à ciência e a arte”. Pois, está mais próximo do campo do imediato em relação às outras duas esferas já mencionadas. A ciência e a arte, segundo a autora, são representações mais complexas, de modo que estas “formas de reflexo são denominadas ‘superiores’, não no sentido hierárquico, mas pela capacidade de apreender um conjunto mais amplo de mediações” (CAMPOS SILVA, 2018, p. 15):

Neste ponto, surge a questão que o homem é singular, mas também genérico, porém “é um fato excepcional a elevação do indivíduo ao gênero”, “a passagem do homem inteiro (muda relação de sua particularidade e generalidade) para o inteiramente homem (unidade consciente do particular e do genérico)”. (CARVALHO, 2011. p. 27). Isto só é possível ocorrer quando há uma suspensão da cotidianidade, quando “o indivíduo concentra toda a sua energia e a utiliza numa atividade humana genérica que escolhe consciente e autonomamente”. (HELLER, 1972 apud CARVALHO, 2011. p. 27). De acordo com Carvalho, esta suspensão é um circuito que sai da vida cotidiana, retornando a ela de forma modificada, onde a singularidade se conhece parte da totalidade. (CAMPOS SILVA, 2018, p.14)

Conforme a citação acima, defende-se que o ser humano possui essa capacidade de suspender o cotidiano para se concentrar e se aprofundar ao que está contido no próprio cotidiano, porém oculto, pois na superficialidade não se pode identificá-los. E através de uma atividade humana genérica, se concretiza o que a autora aborda como uma transição entre o “homem inteiro, para o inteiramente homem”, que corresponde à passagem das formas de pensar, sentir, de se comportar e de agir que transitam e se elevam da esfera da personalidade à esfera da genericidade.

Tendo abordado, acerca do cotidiano e tendo perpassado por categorias importantes como trabalho, ciência e arte, a autora em seu texto, destaca outras duas características fundamentais para a compreensão da arte e da ciência, de acordo com as quais, a arte possui um papel antropomorfizador enquanto a ciência carrega uma forte tendência desantropomorfizadora.

Tratando das diferenças entre o reflexo científico e o reflexo artístico da realidade, que é sempre unitária, Rocha (2019) ressalta que a ciência se caracteriza por um reflexo de tipo desantropomorfizador, que nasce já na vida cotidiana, onde é possível identificar uma:

[...] dinâmica que propende à desantropomorfização, ou seja, à reprodução ideal dos conteúdos da realidade, ainda que isso ocorra, naturalmente, nessa dimensão, num nível mais imediato, mais fenomênico e, ao mesmo tempo, fundamental e embrionário” (SILVA, 2018, p.230 apud ROCHA, 2018 p.32).

Um tipo diverso de reflexo da realidade seria aquele característico da antropomorfização, a qual, “consiste numa projeção interna – subjetiva – do homem sobre a realidade, ou seja, ‘de dentro para fora’”, isto é, “no processo da antropomorfização ocorre uma transferência do que é próprio do mundo humano para a natureza na criação de objetivações sociais” (LUKÁCS, 1966 apud SILVA,

2018. p. 230 apud CAMPOS SILVA, 2018, p. 17), o que ocorre, por exemplo, nas projeções religiosas, mas também ocorre no caso da arte:

Para Lukács, “a projeção das experiências internas do homem sobre a realidade objetiva” caracteriza, em termos gerais, o princípio da antropomorfização. (LUKÁCS, 1966, p. 226). Na medida em que os homens atribuem e transferem para a natureza predicados e formas que são próprios do mundo humano, como ocorre, por exemplo, na magia e principalmente na religião, projetando, assim, na realidade, suas referências e experiências internas, os homens criam objetivações antropomórficas, deformando, geralmente, por este procedimento reflexivo, o estatuto próprio da realidade” (SILVA,2018, p.229-230 apud ROCHA, 2018 p.32).

CAMPOS SILVA (2018, p. 17), aponta que: “no processo da antropomorfização ocorre uma transferência do que é próprio do mundo humano para a natureza na criação de objetivações sociais”.

Já no caso da desantropomorfização, conforme estamos argumentando, quanto maior a fidelidade à realidade, menor será intervenção subjetiva e conseqüentemente mais fiel será a reprodução do real diante do que se está materializando. Nesse caso, predomina-se a reprodução daquilo que está posto na natureza e na sociedade. É claro que para a tradição filosófica aqui estudada, não há neutralidade nesses processos desantropomorfizadores, o que remete ao problema do saber interessado e da ideologia, que não poderão ser tratados a fundo na presente pesquisa.

Por outro lado, a arte possui um caráter antropomorfizador, pois, o homem insere suas subjetivações de modo a acrescentar na matéria suas vivências concretas, seus sentimentos, seus conhecimentos, ideações, busca criar e não estritamente reproduzir.

Contudo, é característico das antropomorfizações de caráter artístico elementos como a terrenalidade das representações e das suas formas de reposição, na constituição de um mundo propriamente humano, um microcosmo capaz representar de forma intensificada o macrocosmo do mundo social.

Mas cabe lembrar aqui, que a autora ressalta que no cotidiano, a tendência é prevalecer os processos de antropomorfização no sentido de acesso limitado ao em si da realidade, dada a imediaticidade e o distanciamento com a reflexão da realidade.

Ainda nessa argumentação, a autora Rocha (2019), acompanhando as teses de Lukács acerca do cotidiano argumenta que “a vida cotidiana deve ser tratada a

partir do mundo prático/sensível, a teoria nasce ‘de baixo’ para ‘cima’, dos problemas, das vivências humanas, e não do âmbito da razão para o mundo” (p. 14). A mesma autora não deixa de mencionar o autor Netto quando afirma que: “a vida cotidiana é o alfa e o ômega da existência de todos cada indivíduo” (NETTO, 2011. p.68).

Nesse sentido, também reconhece que há necessidade de romper com imediaticidade aparente e através das ações subjetivas ela destaca: “Essa subjetividade cotidiana é uma forma específica de reflexo da realidade, de reproduzir idealmente e subjetivamente os elementos que a compõe, e ao mesmo tempo, possibilitar a interação prática: o comportamento e a atividade dos homens”. (p. 15).

Outro apontamento importante da autora com base nos estudos de LUKÁCS:

“[...] é necessário pontuar que “para Lukács, a ciência e a arte são formas e meios (ou instrumentos) específicos que os homens forjam para responder aos desafios dos processos cotidianos de humanização” (SILVA, 2018, p.187 apud ROCHA, 2019, p. 16).

Reforça-se aqui, com base nos textos das duas autoras, que a ciência e arte são formas superiores de enfrentar as necessidades sociais e de constituir o reflexo da realidade, uma vez que estas atravessam o véu da imediaticidade.

Rocha (2019), descreve que para além da vida cotidiana, para além do imediato, “as mediações vão sendo cada vez mais descobertas” e que “esse processo retorna à relação imediata”, ou seja, surgem e atuam objetivações mais intensivas, mais profundas.

Ainda acerca do cotidiano, Rocha (2019) destaca em seu trabalho, três categorias importantes para compreensão das determinações da existência, as quais são a singularidade, a particularidade e a universalidade. Essas categorias, conforme afirma a autora, estão presentes na realidade, antes de estarem do pensamento do homem, e nesse sentido, elas interagem e não são manifestadas isoladamente: “essas categorias portam existência objetiva; não são, deste modo, meros pontos de vista, são características da própria realidade” (p. 26).

Dessas categorias, a autora ressalta que no cotidiano o ser social se depara inicialmente com a categoria do singular e então, passa a interagir com a particularidade e com a universalidade, numa breve explicação, a autora destaca

também que de acordo com LUKÁCS (1978), se não compreender as características de cada uma e a superação que existe entre estas, não se consegue visualizá-las no cotidiano:

O cotidiano permite que o ser social se depare, nos movimentos de primeiro acesso à realidade, com a categoria do singular, que traz objetos, situações, e processos únicos, sensíveis, empíricos, que estão presentes na realidade. Porém é necessário que se possa esclarecer a realidade a partir dessas categorias. E ao tratar das categorias do singular, do particular e do universal, Lukács ressalta que “se não distinguirmos, pelo menos em certa medida, essas categorias, se não as delimitarmos reciprocamente e não adquirirmos certo conhecimento da mútua superação de uma na outra, ser nos-á impossível orientarmo-nos na realidade, ser-nos-á impossível uma práxis, mesmo no sentido mais cotidiano da palavra” (ROCHA, 2019, p. 26).

Entendendo que na vida cotidiana há uma relação complexa entre as categorias e tudo que nele existe, o ser humano em sua individualidade representa de acordo com os referenciais de ROCHA (2019), um universal, mas ainda que inconscientemente, o mesmo porta as suas particularidades:

Deste modo, o indivíduo na personalidade não deixa de ser um ser humano, ele é um universal, ainda quando não reconheça subjetivamente, ou para-si, mediações, determinações particulares e gerais etc.; da mesma forma, o indivíduo na personalidade como ser humano ocupa posições que o particularizam, posições de classe, gênero, e tantas outras categorias que perpassam o campo das particularidades, assim como tudo na vida cotidiana. (ROCHA, 2019, p. 27)

A mesma autora ainda enfatiza: “Por isso a necessidade de se fazer arte e ciência, porque na vida cotidiana, as essências, as mediações, os particulares e universais, eles não estão tão aparentes na imediaticidade” (ROCHA, 2019, p. 28).

E o autor Silva (2022, no prelo) elabora que:

[...] enquanto a ciência, na produção do conhecimento, no trânsito acima e abaixo, de ida e volta, do singular ao universal, passando pelo particular, alcança generalidades razoáveis, leis tendenciais gerais, universais, por assim dizer, “frias”, na dissecação, saturação, depuração e esclarecimento dos fenômenos, no caso da arte as generalizações assumem formas sensíveis, por assim dizer, “quentes”, intensificadas, condensadas e evocativas (SILVA, 2022, p. 17, no prelo).

Com isso, percebe-se até aqui, que tanto a arte quanto a ciência são formas superiores de reflexos dada a sua complexidade e o seu papel no cotidiano.

Quanto às determinações da existência como singularidade, particularidade e universalidade, é importante ressaltar que essas estão no cotidiano e que por meio das mediações é possível e isso se dá tanto numa representação científica, quanto numa representação artística, quanto na atuação profissional. Contudo, é necessário que cada uma delas esteja compreendida enquanto categorias que interagem e se superam entre si, e que umas não se desassociam umas da outra, isto é, o particular tem uma posição de mediar e por isso pode ser o “ponto do meio” entre o singular e o universal.

Cabe lembrar aqui, que um elemento fundamental e específico que atua nos processos de humanização, é a particularidade, que atua como “posição mediadora”:

O particular nesta posição mediadora, garante um percurso do universal à dimensão originária, singular, na identidade objetiva, pessoal e específica. As particularidades estão mais ligadas às especificidades; ao passo que tarefas concretas e práticas do cotidiano são fortemente de caráter mais imediato, nessa relação teoria/prática, podemos dizer que a categoria da singularidade tem uma potência, o fenomênico, o singular, enquanto categoria vigente nessa prática e nessa subjetividade. (ROCHA, 2019, p.28)

Retomando a argumentação acerca do fenômeno e da essência com essas afirmações, agora já se pode entender com mais clareza, que a ciência e a arte são precursoras para que se alcance as essências dos fenômenos e nesse sentido SILVA (2022, no prelo) destaca que:

Em qualquer âmbito da atuação humana, seja na vida cotidiana, na ciência ou na arte, a formação da subjetividade, bem como “o conhecimento da realidade objetiva” estão obrigados “a mover-se pelo caminho que vai do fenômeno à essência” (LUKÁCS, 1967, p. 279). Em termos muito rápidos, pode-se afirmar que esse percurso constitutivo das formas subjetivas é mais curto na vida cotidiana (percepções, representações, reflexos condicionados etc.), onde tende a prevalecer uma relação mais direta e imediata entre subjetividade e mundo, teoria e prática, em respostas menos reflexivas e atuações mais pragmáticas, prático-operativas, em consonância com os imperativos e as exigências de construção da existência nesse nível da realidade. Neste sentido, quando Lukács faz referência ao fato de que os homens na vida cotidiana “tropeçam com a singularidade”, ele comenta também que “parece inclusive – com aparência nada injustificada – que de modo imediato não nos enfrentamos mais do que com a singularidade”, “pois tudo o que nos oferece o mundo externo como certeza sensível é imediatamente e sempre algo singular, ou uma conexão única de singularidades” (SILVA, 2022, p. 18, no prelo).

O autor continua a argumentação ponderando que:

Esta observação é oportuna para o destaque das necessidades sociais de fundo do surgimento de campos de atividade que constituem e consolidam vias e caminhos mais longos na apreensão da realidade, no trânsito pelo qual os homens vão constituindo formas específicas de refletir e dominar os fenômenos da realidade, suas determinações, seus processos e mediações, como ocorre nos casos da ciência e da arte. Tratando da questão da produção do conhecimento, Lukács retoma e interpreta nos seguintes termos elaborações que Marx faz na introdução dos *Grundrisse*: “o caminho do pensamento e do conhecimento é uma ininterrupta oscilação acima e abaixo da singularidade à generalidade e deste àquela”, num percurso e trânsito capazes de apreender “as mediações”, as particularidades “e os pontos de mutação essenciais” (LUKÁCS, 1967, p. 207-208) da matéria tratada. Pode-se considerar que o reflexo estético da realidade também “está obrigado” a tomar e absorver os fenômenos da vida cotidiana, bem como a apreender traços e determinações mais gerais e universais da realidade: o reflexo estético e as objetivações artísticas comportam tanto as formas sensíveis como elementos do conceitual. Contudo, para o autor, o campo próprio, específico, central, de movimentos e materialização do estético e do artístico é o campo da *particularidade*. O autor considera que “o específico da esfera estética é que a particularidade não se põe como mediação entre a generalidade e a singularidade”, como ocorre na ciência, “senão, ademais, como centro organizador”, e como tal, “é o ponto de partida e de chegada dos correspondentes movimentos” (“centrípetos” e “centrífugos”, diz o autor) que percorrem a singularidade e a universalidade. (SILVA, 2022, p. 18, no prelo).

Diante dessas observações, a arte aqui, é mais do que um fenômeno isolado, ela se materializa por vezes de forma a elevar o ser humano da individualidade estrita à individualidade genérica e dessa forma, perpassar as barreiras do imediato, abrindo, por essas vias sensíveis, para uma compreensão ampliada de si, do mundo humano, das exigências dos seus processos de humanização:

Pode-se assinalar que no caso do artista e da obra de arte, diferentemente daquela “ininterrupta oscilação acima e abaixo da singularidade à generalidade e desta àquela” própria da ciência, na apreensão de determinações essenciais dos fenômenos defrontados, a absorção de singularidades é superada na constituição de formas particulares, representativas, típicas, que condensam uma multiplicidade de fenômenos, assim como os conhecimentos mais gerais da realidade atravessam e assumem formas sensíveis concretas e evocativas. De modo que o campo da particularidade, como um “âmbito de movimento centrado”, constitui o campo próprio e específico do estético e do artístico, ao qual servem e em torno do qual orbitam as categorias da singularidade e da universalidade. (SILVA, 2022, p. 19, no prelo)

Entende-se que essas considerações, apresentadas aqui em termos muito iniciais e aproximativos, são válidas para o estabelecimento de um debate com os dois tópicos anteriores do presente estudo, e também para se considerar a música, assim como o objeto mais específico desta pesquisa, o canto coral.

CAPÍTULO 2 - POSSIBILIDADES FORMATIVAS E EDUCATIVAS DA ARTE: UMA DISCUSSÃO A PARTIR DAS EXPERIÊNCIAS DOS GRUPOS DE CANTO CORAL DE MARIANA-MG

2.1. Organização, articulação e sistematização preliminares da matéria delimitada para investigação: descrição do perfil dos grupos de Canto Coral, integrantes, suas reflexões e posições sobre arte, música e canto coral.

A pesquisa, neste passo do seu andamento, se concentra sobre os grupos de canto coral existentes e ativos nos últimos 6 anos na cidade de Mariana-MG, com vistas a uma caracterização geral desses grupos, buscando apreender traços das suas trajetórias, suas características institucionais e culturais, sua composição e sua dinâmica. Em seguida, busca concretizar essa reflexão, em especial, sobre a visão desses grupos acerca do papel da arte, da música e do canto coral nos processos formativos e educativos dos seus integrantes, bem como das repercussões desses cantos sobre a sociedade, principalmente, a sociedade marianense.

O projeto da pesquisa foi inscrito e aprovado na Plataforma Brasil e no Comitê de Ética da Universidade Federal de Ouro Preto e segue o disposto nas resoluções 466 e 510 do Conselho Nacional de Saúde. Cabe ressaltar que a pesquisa não ofereceu riscos maiores aos envolvidos do que os existentes na vida cotidiana, e respeitou os princípios éticos das pesquisas em ciências humanas e sociais. Foi utilizado também “Termo de Consentimento Livre e Esclarecido”.

Para a execução do trabalho foi realizada a pesquisa de campo, mediante a aplicação de questionários que foram dirigidos aos integrantes dos corais identificados no município de Mariana-MG, nomeadamente, os responsáveis institucionais pelos corais e os seus regentes.

Os dados e as informações obtidas nesta parte da investigação serão discutidos em articulação com as aquisições da pesquisa bibliográfica, desenvolvida no Capítulo 1.

Como ponto de partida foram elaboradas perguntas que num primeiro momento visam uma aproximação aos grupos de canto coral que se dispuseram a participar da pesquisa, com vistas a identificá-los e entender o seu processo formativo enquanto grupo musical e o pensamento dos regentes a respeito da

compreensão sobre o fenômeno da música e a sua importância no desenvolvimento dos integrantes dos seus respectivos grupos.

É importante ressaltar aqui, que o questionário foi aplicado de forma remota devido ao contexto pandêmico da COVID-19 e, dessa forma, foi necessário seguir os protocolos de distanciamento social para realizar a coleta. Uma estratégia foi contatar a Secretaria de Cultura da prefeitura de Mariana-MG, e assim a mesma ficou responsável de repassar o questionário para que fossem preservados os dados pessoais conforme a lei nº 13.709 da Lei Geral de Proteção de Dados.

Dos grupos participantes, quatro são da cidade de Mariana e um é da Universidade Federal de Ouro Preto.

Na elaboração das perguntas, a princípio, buscou-se saber os dados de identificação dos grupos e seus integrantes, como o nome, idade, escolaridade, naturalidade, cidade de residência, área de formação, função que desempenha no grupo, tempo de atuação no grupo, identificação do grupo e o motivo da escolha do seu nome, ano de fundação, número de integrantes, as funções de cada integrante e as inspirações dos grupos.

Procurou-se entender também como cada grupo se mantém, quais os recursos materiais e suas fontes, sendo considerada também a natureza jurídica dos grupos, se são grupos sem fins lucrativos.

Além disso, foram pensadas algumas questões que abarcam as reflexões, ideias e posições dos entrevistados a respeito da arte e da música, como por exemplo: o que você entende por arte? O que você pensa sobre o papel da arte? Como você vê o papel da música e do canto coral na sua vida? Como você vê o papel da música e do canto coral na vida dos integrantes do canto coral? Como você vê o papel da música e do canto coral para a sociedade? Como a pandemia da COVID-19 impactou os trabalhos e o grupo?. Ao final do questionário encerrou-se com a seguinte pergunta: Tem alguma reflexão, comentário etc. que as questões acima não abordaram e você gostaria de abordar?

Durante a coleta de dados da pesquisa, as respostas às perguntas do questionário foram dadas entre 16 de março de 2022 e 12 de abril de 2022.

2.1.1 Perfil dos respondentes/ integrantes/ participantes

Sobre o perfil dos respondentes, integrantes dos grupos de canto coral, foram obtidos os dados e informações que seguem.

Para que houvesse uma aproximação com os grupos, buscou-se primeiro extrair características mais gerais dos participantes da pesquisa, sendo que foram no total 5 (cinco) respondentes e, destes, 4 (quatro) homens e uma mulher. Em relação à faixa etária dos respondentes, verifica-se que predomina a idade acima de 50 anos, sendo que um dos respondentes tem 25 anos. Sobre a naturalidade dos envolvidos declararam-se todos brasileiros, sendo que dois apontaram ter nascido no município de Mariana-MG, e um nascido na cidade de Ouro Preto.

Assim, a tabela 1 traz alguns elementos do perfil dos respondentes:

TABELA 1 – Identificação e perfil dos integrantes dos grupos de canto coral pesquisados

SEXO	IDADE	NATURALIDADE
Feminino	58	Brasileira
Masculino	55	Ouro Preto - MG
Masculino	58	Mariana-MG
Masculino	67	Brasileira
Masculino	25	Mariana-MG

Fonte: Elaboração própria

Sobre as perguntas referidas ao local de residência dos participantes, verificou-se que 3 (três) residem em Mariana-MG, 1 (um) reside em Ouro Preto-MG, e 1 (um) respondeu residir no município de Resende Costa-MG.

Acerca da escolaridade dos participantes, verificou-se uma variação que compreende desde o nível fundamental completo até nível de doutorado, sendo que um respondente não informou a escolaridade.

Dentre as respostas referentes à área de formação, um (1) respondente possui formação em música, um (1) em direito, um (1) respondeu “sem formação musical”, e dois (2) não responderam à questão.

No que tange à função dos participantes da pesquisa nos grupos de canto coral, observou-se que 2 (dois) são regentes, 1 (um) é regente e professor, 1 (um) é diretor administrativo, e 1 (um) é coordenador do coral.

Sobre o tempo de atuação no coral, 1 (um) declarou 30 anos, 2 (dois) declararam participar do coral há quatro 4 anos, 1 (um) há 24 anos, e 1 (um) há 15 anos.

2.1.2 Elementos constitutivos dos grupos de canto coral participantes da pesquisa.

Sobre o perfil geral dos grupos de canto coral, foram obtidos os dados e informações que seguem, inicialmente apresentados na tabela 2.

TABELA 2 – Identificação e perfil dos grupos de canto coral pesquisados

GRUPO MUSICAL	ANO DE FUNDAÇÃO	NATUREZA JURÍDICA	MUNICÍPIO DE ATUAÇÃO	NÚMERO DE INTEGRANTES
Coral Tom Maior	2007	Organização Social	Mariana- MG	35
Angeli Domini	2018	Organização Não Governamental (ONG)	Mariana-MG	11
Orquestra São Caetano	1725	Organização da Sociedade Civil de Interesse Público (OSCIP)	Mariana-MG	30

Coral Canarinhos de Sant'Ana	1998	Organização da Sociedade Civil de Interesse Público (OSCIP)	Mariana-MG	25
Coral UFOP (Madrigal)	2008	Instituição Pública Federal/Universidade	Mariana-MG/ Ouro Preto-MG	20

Fonte: Elaboração própria

A tabela acima traz algumas das características específicas de cada grupo contemplando informações pertinentes à sua constituição, ao seu caráter, à sua área de atuação e à sua composição.

Para que fosse possível entender a consolidação dos grupos tendo em vista que há grupos tradicionais da cidade de Mariana-MG, aprofundou-se as questões acerca da sua origem, motivação e a escolha do nome e com isso coletou-se as seguintes respostas:

Coral Tom Maior: “Este coro foi criado para que as crianças do coral infantil que eu era regente, tivessem oportunidade de continuar no canto coral, pois quando alcançavam certa idade, saíam do coral de crianças e não tinham um coral de adolescentes. Quanto ao nome, foi escolhido em comum acordo com os coralistas quando foi fundado”. E para o grupo a resposta referente a inspiração foi: “Nunca querer ser o melhor, apenas diferente”.

Angeli Domini: “Queríamos um nome diferente, que falasse de Deus”. Para o grupo a inspiração são os “Cantos litúrgicos”.

Orquestra São Caetano: “É em homenagem ao padroeiro do Distrito de Monsenhor Horta, que é São Caetano”. Este por sua vez, comentou na resposta não haver inspirações para o grupo.

Coral Canarinhos de Sant'Ana: “Somos da comunidade de Santana, Mariana MG. Sugestão do Pároco da época. Acerca da sua inspiração teve-se a seguinte resposta: “Servir a Deus e levar uma mensagem de amor através da música”.

Coral UFOP (Madrigal): “Trata-se de grupo de extensão universitária, portanto, optamos por deixá-lo com esse nome”. Sobre a inspiração do grupo, a resposta foi: “A arte de cantar em grupo, desenvolvimento da voz cantada e necessidade de aprender, compartilhar conhecimentos e ampliar rede de sociabilidade”.

2.1.3 Reflexões, ideias e posições dos respondentes/participantes dos grupos de canto coral sobre a natureza e a função da arte, da música e do canto coral.

No tópico acima, a proposta foi coletar informações que descrevessem os grupos em detalhes para compreender como se consolidaram e resgatar a sua gênese tendo em vista que consistem numa cidade primaz de Minas Gerais historicamente marcada por fortes heranças do período colonial do Brasil.

Nesse sentido, algumas questões foram fundamentais para se obter as reflexões dos integrantes dos grupos acerca da música, da arte e do canto coral na sociedade marianense.

Para a pergunta: “o que você entende por arte?”, as respostas obtidas foram:

Coral Tom Maior: “Não sou entendedor da arte. Tenho apenas disposição e habilidade prática, pois sou autodidata”.

Angeli Domini: “Expressão do belo”.

Orquestra São Caetano: “Entendo que é tudo que a pessoa pode produzir de maneira artesanal. Seguindo algum tipo de ofício, como o da música, ou também com algum modo específico através de algum ofício imaterial”.

Coral Canarinhos de Sant’Ana: “Arte é fazer algo que gosta”.

Coral UFOP (Madrigal): “A arte nos coloca em conexão com outras pessoas, outras culturas. Ela implica na nossa maneira de agir no mundo e como nos divertimos, oramos, amamos. Ela nos distrai, nos deixa felizes e nos conecta com nossos ancestrais. Ela existe para nos tornarmos mais unidos, próximos uns dos outros e para o bem”.

Em seguida perguntou-se: “O que você pensa sobre o papel da arte?” As respostas obtidas foram:

Coral Tom Maior: “Principalmente quando se trata de adolescentes e jovens, precisa ser desenvolvida de forma racional e com muita responsabilidade”.

Angeli Domini: Interagir com o outro”.

Orquestra São Caetano: “A arte é essencial para toda a população, sendo ela em qualquer manifestação”.

Coral Canarinhos de Sant’Ana: “É um fator importante para sociedade e também um momento de lazer”.

Coral UFOP (Madrigal): “Uma necessidade para o ser humano através dela expressamos nossas emoções e a nossa cultura”.

À pergunta: “como você vê o papel da música e do canto coral na sua vida?”, as respostas obtidas foram as seguintes:

Coral Tom Maior: “Comecei no canto coral aos 08 anos de idade, e com isso tive a oportunidade de conhecer vários lugares, participar de grandes eventos, conhecer grandes maestros”.

Angeli Domini: “Aumenta a auto estima, estimula a interação das pessoas, fortalece a criação artística e diminui o estresse diário”.

Orquestra São Caetano: “Para todos os membros é de suma importância a preservação desta arte no Distrito de Monsenhor Horta, que conserva um dos relatos mais antigos de toda essa região. Portanto todos os membros tratam com certa prioridade o funcionamento do mesmo”.

Coral Canarinhos de Sant’Ana: “Papel muito importante, visto que através da música expressamos nossos sentimentos, e também uma forma de ajudar os jovens, evitando que eles procurem outros caminhos”.

Coral UFOP (Madrigal): “O canto coral foi importantíssimo em minha vida como cantor, fui profissional e atuei como diretor de grupo musical(is) desde que decidi a estudar a música e, posteriormente, cursar graduação em regência e canto na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)”.

À pergunta: “como você vê o papel da música e do canto coral na vida dos integrantes do canto coral?”, as respostas obtidas foram:

Coral Tom Maior: “Através do canto coral, o Tom Maior exerce em seus integrantes um forte papel de socialização e formação de caráter, incentivando as boas práticas da vida”.

Angeli Domini: “Interação, companheirismo e criatividade”.

Orquestra São Caetano: “É uma prioridade para todos a participação do mesmo”.

Coral Canarinhos de Sant'Ana: "Papel muito importante, visto que através da música levamos uma boa mensagem às pessoas e também com a participação possibilitando através da música a socialização melhor dos jovens e adolescentes".

Coral UFOP (Madrigal): "A arte de cantar em grupo torna a vida de todos mais alegre, envolvente e através do canto coral, mesmo sem possuir muitos predicados, como é cobrados de profissionais, o canto coral permite que até os menos preparados tecnicamente podem sim participar e contribuir para o bom desempenho do grupo".

À pergunta: "como você vê o papel da música e do canto coral para a sociedade?", as respostas obtidas foram:

Coral Tom Maior: "Conforme relato de alguns admiradores, temos um papel importante perante a sociedade, pois sentem prazer ao ouvir o Coral Tom Maior".

Angeli Domini: "Contato com o belo, valorização da vida através da arte".

Orquestra São Caetano: "É fundamental a preservação desta arte tão antiga. A sociedade em si precisa se interessar em ajudar essas instituições, não só as pessoas mas também os governantes".

Coral Canarinhos de Sant'Ana: "Importante pois através da música pode-se transformar a vida de uma pessoa".

Coral UFOP (Madrigal): "Ele (o coral) está dentro das escolas, clubes, ongs, igrejas, empresas, ele harmoniza, congrega, torna-se referência para a instituição que o abriga. Ele aproxima pessoas e encanta com sua arte, torna-se, portanto, muito importante para a sociedade."

Tendo em vista o enfrentamento do país frente a uma pandemia causada pela SARS-CoV-2 considerou-se elementar abordar questões urgentes e contemporâneas e para isso foi pensada a seguinte questão: Como a pandemia da COVID-19 impactou os trabalhos e o grupo? A esse respeito, as respostas obtidas foram as seguintes:

Coral Tom Maior: "Infelizmente, esta pandemia nos privou de uma das coisas mais importantes no Coral Tom Maior. O carinho, o abraço, o prazer de estar juntos. Mas fizemos vários trabalhos virtuais, com a mesma dedicação".

Angeli Domini: "Deixamos de nos reunir, ensaiar, apresentar, etc".

Orquestra São Caetano: "Os ensaios continuaram acontecendo com grupos reduzidos".

Coral Canarinhos de Sant'Ana: "Impactou muito, pois tivemos que parar nossos trabalhos e só agora estamos retornando, graças a Deus".

Coral UFOP (Madrigal): "Estivemos parados durante o período (2 anos)".

Ao final do questionário, foi perguntado: "há alguma reflexão, comentário etc. que as questões acima não abordaram e você gostaria de abordar?" As respostas obtidas foram:

Coral Tom Maior: "Que o Canto Coral seja tratado com o devido respeito, e não apenas como 'Atração Cultural'".

Angeli Domini: "Deveria haver mais contato da Universidade com os grupos de canto, proporcionando estágios aos alunos e aprendizagem aos envolvidos".

O grupo Orquestra São Caetano respondeu que não havia comentários a deixar.

Coral Canarinhos de Sant'Ana: "Só uma observação, o Coral tem duas participantes que estão desde a sua formação e são formadas em música pela UFOP, ficam por conta dos arranjos, coreografia, instrumentistas e etc, e outras Musicistas da Banda União XV de Novembro, a qual é um ganho para o Coral, dando aquele brilho".

Coral UFOP (Madrigal): "Não, parabéns pelo questionário e pela pesquisa".

Nesse tópico, foram, pois, apresentadas e abordadas, num nível mais descritivo, informações gerais e específicas dos grupos de canto coral e dos seus integrantes, participantes da pesquisa. No próximo tópico será desenvolvida uma abordagem mais reflexiva, que se encaminhará para uma análise crítica, contemplando também os referenciais dos dois capítulos da pesquisa.

2.2. Discussão da matéria coletada à luz das aquisições teóricas

Buscando um caminho de organização, sistematização e reflexão dos dados e informações obtidos, pode-se retomar e rerepresentar algumas das ideias e posições presentes nas respostas dadas ao questionário.

Assim, em relação ao perfil geral dos grupos de canto coral, podemos destacar que são corais consolidados na cultura local, todos com muitos anos de existência, décadas, ou mesmo, em um dos casos, séculos de existência.

Entre os grupos, em sua maioria, foi possível destacar que eles contam com um número expressivo de integrantes, e constata-se também que eles estão vinculados às comunidades, bairros e distritos de Mariana e Ouro Preto.

Ainda nesse ponto, destacamos que a maioria deles se caracteriza como organizações da sociedade civil (ONG 's ou OSCIP's), sendo um deles vinculado à esfera pública, mais precisamente, à Universidade Federal de Ouro Preto. Nisso podemos observar uma diversidade cultural importante, sendo que há grupos vinculados a instituições religiosas e a “trabalhos sociais” diversos.

Sobre o entendimento que os participantes registraram acerca da arte, conforme visualizado, as respostas foram variadas, sendo algumas das reflexões: “Não sou entendedor”, “tenho apenas disposição e habilidade prática”, “sou autodidata” com isso obtêm-se registros e reflexões que remetem a uma dimensão técnica da formação, por um lado, não-formal, por outro lado, importância do grupo coral no próprio processo formativo, do regente, em música e canto.

Quando se tem em vista outro caso presente na pesquisa, como por exemplo, o grupo Coral Madrigal, também se vê esse aspecto importante de formação musical que os grupos desempenham. Ainda nesse sentido, por meio de sua resposta no que remete a arte tendo-a como, “expressão do belo” é possível reconhecer uma ideia presente nas reflexões filosóficas clássicas sobre arte e música. Ao mesmo tempo, podemos indagar: essa referência do belo dá conta da totalidade das expressões artísticas e estéticas? Numa sociedade contraditória, classista, outros elementos e conteúdos como o grotesco, o feio, o desumano, o protesto, as lutas, não podem – e, mesmo, precisam – assumir formas estéticas e artísticas potentes?

A arte também foi referida como uma “produção artesanal”, aqui é interessante pensar que entre formas de representação cotidianas e formas de representação artísticas, há relações de transição e salto. O que outrora era produzido apenas por uma necessidade, foi ganhando forma e representação em passos iniciais da estética, por exemplo, a construção de um vaso de barro que num primeiro momento caracterizava-se como um objeto para carregar ou manter alguma coisa, e que acabou tornando-se um efeito por seus detalhes e adornos.

Ao se referirem a arte como um “ofício imaterial” ou até reconhecê-la como uma ação de, “fazer algo que gosta” entende-se aqui que o útil é primário e traz consigo o agradável, pois, têm-se aquilo que se faz por constrangimentos (no

âmbito do útil), e o que se faz para além dos constrangimentos porque existe uma realização naquilo que se faz por gosto próprio. Para alguns grupos é possível entender que a arte é mais do que uma forma de representação é também uma satisfação, ora, tê-la como “fazer algo que gosta” e reconhecer o seu papel de realização.

Além disso, a arte foi abordada como responsável também por “conectar as pessoas e culturas” nesse ponto, os tópicos 1.1 e 1.3 do capítulo 1 do presente TCC abrem e provocam, no sentido de dois caminhos para se pensar relações sociais: um deles, próximo ao universo teórico do funcionalismo e do positivismo, o outro deles, relacionado ao universo teórico-cultural do marxismo. Esses dois universos teóricos distintos implicam em posições teóricas e mesmo políticas distintas e contrapostas, que têm implicações para a discussão da nossa matéria.

Na medida em que questões de fundo como essas não aparecem claramente nas reflexões registradas a partir do questionário, pode-se indagar sobre as possibilidades e as necessidades de se avançar nessa direção.

Com isso, observa-se nas seguintes reflexões que para os grupos o papel da arte da música e do canto “implica na nossa maneira de agir no mundo”. Aqui, consegue-se perceber direções no sentido da práxis, reflexão e prática, pelos meios do canto e da música.

Para além disso, a arte é também vista nesta pesquisa como uma representação, pois de acordo com os pesquisados implica em “como nos divertimos, oramos, amamos” além de referências culturais plurais.

Novamente aqui, consegue-se perceber as complexas e muitas vezes contraditórias relações entre arte e espiritualidade humana onde se reflete no comportamento do sujeito em relação aos seus atos pessoais como se “divertir”, “orar” e “amar”.

Um fato relevante para a pesquisa foi perceber também que tanto a arte quanto a música e o canto são reconhecidos como tendo uma função de distração e nesse sentido cabe as seguintes reflexões: Distrair das questões essenciais, duras, da vida? Ou concentrar para potencializar o enfrentamento das questões essenciais, duras, da vida? Por outro lado, sob outro ângulo, pode-se refletir também: incidir sobre a subjetividade, distensionar, liberar emoções e sentimentos comprimidos, e oprimidos? Distração no sentido de superar o que se faz presente na realidade concreta? O verbo distrair fica vago diante de tantas possibilidades de atuação.

Neste caso em que a arte, a música e o canto é referido como uma distração é possível contextualizá-la em diferentes situações.

De todo modo, para esses grupos os fenômenos abordados como o caso da arte, da música e do canto impactam em suas emoções, “nos deixa felizes”, e nesse sentido se aplica o questionamento se esses fenômenos são capazes de evocar sentimentos de reverter uma emoção ou até mesmo se são tratados aqui como um antídoto ou um potencializador.

Os fenômenos abordados para além da sua capacidade de elevação do sujeito em sua dimensão física, observou-se que através destes, existe uma passagem entre o presente e o passado, ou seja, ao se referirem a arte, a música e o canto como “nos conecta com nossos ancestrais” é possível perceber que aqui remeteu-se para uma dimensão histórica, genérica, a arte, a música e o canto, como memória e identidade do humano, do povo mineiro, da sua história, dos seus antepassados da sua essência em movimento.

Quando associados à “união entre sujeitos”, ou seja, quando se considera que para os grupos musicais, a arte, a música e o canto, “nos torna mais unidos” é possível refletir, indagar: esse agrupamento constitui uma força social de que tipo? Em que direção? É importante considerar os elementos por trás da realidade concreta da vida social para que haja um posicionamento e um direcionamento desses agrupamentos e dessa “união”. Também aqui vale lembrar as aquisições dos estudos do capítulo 1, a insuficiência da abordagem funcionalista na formação de referenciais críticos dos grupos de canto, para o que, segundo nossa interpretação, os referenciais apresentados no tópico 1.3 do presente estudo podem contribuir. Sobre o entendimento mais geral do papel da arte, da música e do canto, algumas das ideias de impacto que apareceram foram: “interagir com o outro”, “é essencial para toda a população”, é “também um momento de lazer”, “uma necessidade”, expressar “nossas emoções e nossa cultura”.

Aqui observa-se que a arte e a música são potencializadores bem como, propiciam a interação entre os sujeitos e são observados como “uma necessidade”, ou seja, se faz necessária na realidade de todos, pois sendo uma forma de representação artística ela mantém as pessoas unidas por meio da sua historicidade, uma vez que a arte, a música e o canto é também uma representação artística cultural.

Sobre o papel da música e do canto na vida dos respondentes integrantes dos grupos de canto coral, algumas das reflexões que apareceram foram: “conhecer vários lugares”. Aqui cabe destacar que “lugares” podem ser entendidos tanto no sentido físico, geográfico, espaços de conhecer e ser conhecido, intercambiar cultura etc.. Mas também, Lukács aqui ajuda a pensar que a arte, a música e o canto, fornecem vivências, e, sem que saíamos do nosso lugar físico, “viajamos” o mundo no tempo e no espaço, isto é, em “caminhos” pelos quais somos transportados da expansão pessoal na direção do genérico. Através de um poema podemos alcançar diferentes lugares, através de um quadro podemos enxergar uma cultura que já não se faz presente na atualidade ou podemos conhecer a história por meio de diferentes formas e representações artísticas.

É importante observar que quando perguntados acerca da importância do papel da música na vida dos regentes, entre as respostas destacaram-se “participar de grandes eventos”, “conhecer grandes maestros”, “aumentar a autoestima”, “interação entre as pessoas”. Também aqui, pode-se perceber reflexões feitas num nível grande de abstração, o que dificulta um posicionamento mais concreto e crítico da realidade e suas contradições, ou seja, ao falar “participar de grandes eventos” seriam esses do e para o povo trabalhador? Ou para um grupo que se insere nos interesses de relações mercantis, de lucro etc.? Seriam esses eventos patrocinados por grandes empresas para que a realidade concreta fosse omitida? Cabe lembrar, que entre os interesses da ordem vigente, está o de distanciar a população dos problemas atuais e nesse sentido há o patrocínio para eventos de modo que a reputação das empresas alcance maior espaço e os seus impactos nefastos na sociedade sejam ofuscados.

Diante disso, é possível perceber no tópico “1.1”, o qual se encontra no “capítulo 1” do presente trabalho justamente essas abstrações funcionais à reprodução do sistema, enquanto no “1.3” deste mesmo capítulo, consegue-se observar uma direção para a realidade concreta dos sujeitos, o cotidiano é abordado tal como o “chão das relações sociais” reais e contraditórias.

Como visto, a música e o canto na vida dos grupos pesquisados remetem “a criação artística”, “aliviar o estresse diário”. É válido aqui captar que a atividade da música e do canto pode atuar como uma descompressão, e nesse sentido Lukács explica que um sentimento só pode ser contrariado e suprassumido, se for confrontado por outro sentimento, contrário e superior ao sentimento confrontado.

Nessa mesma questão obteve-se novamente a resposta “conservar relatos antigos o que pode ser relacionado com as dimensões da história, generidade, memória, autoconsciência, consciência genérica de si do humano.

E, ao responderem que esses fenômenos também são responsáveis por “expressar sentimentos”, “ajudar os jovens”, ajudar na aquisição e desenvolvimento de potencialidades do canto, incentivar aprofundamento de estudos de música consegue-se observar que a música e o canto para os grupos de canto coral atuam como uma ação que potencializa as vivências, mas por outro lado, possuem um caráter de “ajuda” na vida dos integrantes e mais uma vez aqui, pode-se notar que os relatos se aproximam com as perspectivas da matriz funcionalista.

No que diz respeito ao papel da música e do canto na vida dos integrantes dos grupos de canto coral de modo geral, algumas das ideias que apareceram foram: potencializar a “socialização”, com isso pode-se compreender que tanto no tópico “1.1” quanto no “1.3” a socialização se dá por vias distintas, uma na direção da perspectiva funcionalista, a qual se sustenta por argumentos que seguem numa abstração, enquanto em outra se há elementos do próprio cotidiano e das contradições da vida social para seguir numa concreção em sua sustentação.

Enquanto a música e o canto foram trazidos como elementos de “formação do caráter”, foi possível capturar intersecções entre estética, moral e ética, pois aqui se observa que, pode estar relacionado a um conceito mais conservador ou progressista. Nessa ação de “formação de caráter”, seria esse relacionado aos valores religiosos, dada as suas influências? O caráter está intimamente ligado à moral e esta por sua vez, está fincada na cultura de um povo, que nesse sentido está diretamente relacionada com seus valores gerais, inclusive os religiosos, o que cabe mencionar aqui a música e o canto obedecem a uma ação cultural pois evidenciam os traços característicos de uma população.

É válido ressaltar que nessas respostas a música e o canto coral são abordados como elementos fundamentais para formação artística e humana dos sujeitos dos grupos. E mesmo que, acompanhados por uma influência da religião, é perceptível a relevância e o impacto formativo da música e do canto no fortalecimento da subjetividade e da vida dos envolvidos nessa pesquisa.

Além disso, a música e o canto para esses grupos instigam a “interação e companheirismo”, “criatividade”, ao pensamento de “levar uma boa mensagem”, “tornar a vida mais alegre”, ou seja, nessas colocações a música e o canto são na

vida desses grupos elementos fundamentais de atuação na sociedade. E também percebeu-se que no grupo musical consegue-se encontrar um direcionamento pessoal e nisso temos em um dos grupos o caso em que através da inserção no coral alcançou-se a formação escolar e universitária na música enquanto em outro caso, houve um aprendizado próprio que resultou em anos de atuação e consolidação do grupo.

O que se percebe aqui, é que o coral é um terreno de formação dos sujeitos envolvidos nessa atividade e que não se pode desconsiderar que a música e o canto podem retirá-los da superfície do cotidiano e trazê-los para uma relação reflexiva mais profunda com a realidade.

Sobre o papel da música e do canto coral para a sociedade, algumas das reflexões que apareceram foram: “despertar prazer”, proporcionar contato com o belo, “valorização da vida”, preservação do próprio canto coral como cultura, “transformação da vida” das pessoas, harmonizar e congregar pessoas e lugares diversos, “fortalecer a instituição que o abriga”.

É possível ver que os grandes temas pensados, refletidos, debatidos na tradição filosófica ocidental, estão de alguma forma mencionados, contemplados, nos registros e reflexões dos entrevistados: questões relativas ao gosto, ao prazer, ao belo, aos valores e comportamentos, à função etc.

Retomando as ideias apresentadas, com base no material coletado é possível reconhecer que na constituição de alguns grupos de canto coral o apego religioso é fortemente uma influência e inspiração para o seu processo de formação. Aqui cabe lembrar que o processo cultural histórico da cidade de Mariana é marcado pela presença de formas e figuras religiosas e conseqüentemente a criação de alguns grupos têm forte interferência na sua consolidação. Isso é entendido com base na origem dos nomes de algum desses grupos e nas suas inspirações.

Quando tratado da função da arte os resultados obtidos contemplaram desde um “ofício” até “a expressão do belo”. Nesse momento pode-se perceber diferentes reflexões acerca da arte e diferentes correntes como aquelas que se familiarizam com a matriz funcionalista, a qual, obedece um pensamento reducionista e outras que se expandem e encontram uma libertação do “eu” ou como mencionado nas respostas “Uma necessidade para o ser humano, através dela expressamos nossas emoções, nossas culturas”.

A arte então, é uma forma de reflexo da realidade exterior e interior do humano, seja das emoções, indagações ou até mesmo das contradições existentes na esfera do cotidiano. Além disso, a arte é também um condutor, pois, por meio dela se consegue alcançar uma realidade mais abrangente, mais densa, e nesse plano, o outro presente na generidade humana, por mais que não haja interação direta, a arte carrega uma historicidade e diferentes representações e interpretações: “A obra de arte descobre, pois, o essencial por trás do meramente exterior e transitório” (VEDDA, p.280)

Além de despertar a sensibilidade nos indivíduos, ela vive entre as histórias e perpassa por elas: “A arte excita a sensibilidade humana através da essência e da aparência: a arte traz a essência para a superfície. Nela são despertados os sentidos de forma intensificada” (DUTRA SILVA, 2021, p. 36).

A arte não apenas está presente em toda história como permeia entre as condições mais complexas que se dão na realidade e aqui me refiro ao antagonismo entre as classes que são retratadas pelas suas desigualdades e na luta pelo reconhecimento, ademais da falta de acesso da classe trabalhadora e do povo aos produtos do trabalho social e às condições gerais de reprodução da vida. Uma das funções da arte é proporcionar vivências mais amplas, genéricas, potencializando a subjetividade e as lutas, no interior dessas contradições sociais. Nesse sentido, pode-se falar:

[...] da eficácia da arte em proporcionar ao sujeito a possibilidade de vivenciar experiências de realidades sociais distintas e distantes a ele, que de outro modo não poderiam ser vivenciadas e que o fazem sentir e pensar sua individualidade, sua vida e sua própria existência na sociedade de classes, abrindo para a dimensão da generidade humana e tomando consciência do mundo.(FREITAS, 2019, p. 20-21)

Observa-se que quando falado sobre arte há um reconhecimento de que ela rompe com a aparência dos fenômenos, ela vai além, ela resgata as características mais intrínsecas do homem colocando-o numa escala superior da sua relação com o mundo. A arte por sua vez, é uma forma de conhecimento e reconhecimento.

Outro fenômeno presente neste estudo e que também já foi mencionado nessa abordagem é o da música, e portanto de antemão não deixa de ser um elemento artístico.

A música é também, um fenômeno que se materializa por uma forma sensível – intensificada – do ser humano, ou seja, é uma forma de reflexo – para Lukács, música é reflexo da interioridade humana, do universo das formas subjetivas, constituídas nas relações homem-mundo – que se dá por uma prática em que acomete o ser sensível que devolve para realidade aquilo que captou de uma forma refigurada.

Com base na coleta de dados, a música “estimula a interação” entre os sujeitos bem como potencializa a atuação na sociedade.

Os grupos participantes são tradicionalmente reconhecidos na cidade de Mariana-MG e com isso carregam as suas particularidades enquanto sujeitos e enquanto grupos.

Numa das respostas obtidas acerca do papel da música na vida dos integrantes do grupo obteve-se uma que destaca que a música é um elemento que contribui na interação entre os sujeitos: ela “exerce em seus integrantes um forte papel de socialização”. Todavia, havendo uma presença marcada pela religiosidade é possível entender que predomina-se um papel que se aproxima mais do conservadorismo e portanto, uma perspectiva endogenista.

Diante disto, não se pode deixar também de descrever o cenário pelo qual se faz presente na realidade dos grupos, pois, não basta apenas perpassar pelas categorias fundamentais, mas faz-se necessário contextualizar, uma vez que, a realidade concreta implica na vida dos sujeitos e na sua atuação na sociedade. Vale lembrar que a ordem vigente, o modo de produção capitalista, a qual, predomina e demarca as contradições de classe.

De todo modo, não se pode negar que o fenômeno da música conforme esclarecido até aqui, é capaz de despertar no ser humano, pensamentos e sentimentos que refletem-se sobre a realidade concreta e é possível afirmar que por meio da sua subjetividade essa realidade pode ser conformada por intermédio de uma materialização do sensível. Nesse caso, os sentidos desse indivíduo foram instigados a ter esse momento de pensar, de sentir, de se ater ao movimento real e através do seu plano subjetivo transformar esse movimento que está em constante transformação.

Entende-se aqui, que independente das suas peculiaridades, a música possui um papel que pode desenvolver no indivíduo a sua capacidade reflexiva, bem como a arte em geral o pode.

Nas palavras de um dos participantes entrevistados, a arte “pode transformar a vida de uma pessoa”.

O grupo de canto contemplando desde de crianças a adultos é também uma representação coletiva de intervenção, pois, os grupos em questão se apresentam para a sociedade marianense, e por trás da apresentação, existem processos pensados e organizados de como levar a música para a população. Dessa forma, entende-se que os sujeitos dos grupos além de assumirem uma responsabilidade com a cidade, dada a sua consolidação, assumem para si um papel de transformar através da música a realidade de outros sujeitos.

Foi possível esclarecer aqui, como o fenômeno da música aproxima o indivíduo para si mesmo como ser genérico, colocando-o conseqüentemente mais distante da cotidianidade, isto é, da imediaticidade e daquilo que o afasta da sua reflexão sobre a mesma.

Em suma, pode-se concluir que a música é e possui um papel transformador na vida dos sujeitos, sendo estes, sociais, dada as suas peculiaridades e que para além disso, ela representa não só uma via artística, mas é carregada de histórias que antecedem à existência de um todo e que esse movimento de reprodução se sucederá até que não haja mais forma sensível de manifestar esse fenômeno que denomina-se música.

Ademais, levando em consideração que a música e a arte elevam o indivíduo a uma dimensão propensa a reflexão crítica e humanização, vislumbra-se então um trajeto que acontece de forma sensível para um “desvelamento da realidade” podendo ser capaz de descamar o contexto desumano em que se vive na sociedade burguesa.

Além disso, todos os grupos de canto coral registraram dificuldades enormes de realizar seus trabalhos, preparação, exposições, nas circunstâncias da pandemia. O que também atesta o seu valor e sua importância cultural para a sociedade.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Um dos empenhos do presente estudo consistiu em apresentar e mostrar o seu objeto com cuidado, de modo a ser possível extrair resultados da própria matéria, isto é, dos grupos de canto coral.

No processo de investigação, em seu ponto de partida houve o contato imediato com a aparência do objeto e por meio dela, isto é, da experiência sensível e da consciência reflexiva conseguiu-se uma aproximação inicial à essência.

Importante ressaltar que a aparência não esgota o fenômeno mas, ela tanto revela quanto oculta as suas essências

Contudo, para aprofundamento desta análise foi preciso entender que não se aparta a aparência da essência, pois uma vez feito isto, coloca-se em questão a própria ciência. Com isso, não houve um processo de separar ou agrupar as categorias envolvidas nesse estudo, mas a proposta foi entender a sua forma e dela extrair os elementos e assim desenvolver uma análise, a qual, aqui consiste nos grupos de canto coral e o papel da música e da arte no desenvolvimento e reflexão destes

Tendo em vista que, um grupo de canto é constituído por sujeitos sociais de diferentes realidades, entende-se aqui, que cada um carrega em si as suas singularidades e universalidades e ao se juntarem num processo de socialização dada pela consolidação do grupo essas categorias se interagem e ganham suas particularidades numa ação de reprodução, que neste caso é uma reprodução por intermédio da música.

Para compreender o processo de reprodução pelas vias sensíveis intelectivas, movimentos de abstração e concreção, é fundamental depurar as camadas desse objeto de estudo a qual se inicia na constituição de um grupo musical até o tensionamento diante a sociedade.

Este Trabalho de Conclusão de Curso contemplou em sua introdução o método de Marx para execução da pesquisa, o trabalho do assistente social nos espaços sócio-ocupacionais, e a instrumentalidade. Ainda na introdução, foi abordado acerca do papel do assistente social frente ao contexto marcado pelas expressões da “questão social” e como sua atual se dá na imediaticidade do cotidiano.

No primeiro capítulo, foi selecionado para discussão, um artigo que aborda o tema da música e do canto coral, mas numa matriz funcionalista as quais se manteve em teorias abstratas entre argumentos que não abarcaram a realidade concreta. Outro artigo deste mesmo tópico, já se aproxima dos referenciais marxistas mas de maneira superficial e eclética, pois, elegeu em sua argumentação autores que se distanciam teoricamente. Neste mesmo capítulo, mas seguindo num referencial marxista foram abordadas algumas categorias centrais como trabalho, práxis, formas do reflexo da realidade, antropomorfização e desantropomorfização, particularidade, singularidade e universalidade. Além disso, na discussão sobre o papel da arte e da música, um elemento fundamental foi abordado, o qual, o cotidiano que na sua complexidade foi destrinchado através das reflexões com embasamento no pensamento de Lukács (1967), o que abriu para a discussão da arte e de suas “formas sensíveis intensificadas”.

A proposta nesse sentido, foi abordar diferentes posicionamentos teóricos e metodológicos para que a crítica fosse elaborada e assim provocar a reflexão do leitor.

No Capítulo 2 do trabalho, foram apresentados resultados da pesquisa de Iniciação Científica para dar continuidade na argumentação e elaboração crítica deste estudo. E com isso, foram apresentados os dados coletados na pesquisa de caráter empírico, numa aproximação aos grupos de canto coral delimitados, seus sujeitos, suas reflexões e suas posições. No momento seguinte, foi adicionada a análise crítica fomentada com base em todo o Trabalho de Conclusão.

Ao final deste estudo, conclui-se que tanto a arte, quanto a música, de acordo com os resultados da pesquisa, potencializam o processo de humanização e que os dois fenômenos possuem um papel antropomorfizador, pois os sujeitos ao capturarem aquilo que está na realidade concreta, processam, apreendem e inserem as particularidades, materializam e devolvem mas de forma estética, sensível e intensificada.

A refiguração da realidade, neste caso dos grupos de canto coral, se dá por meio da música que contempla a população marianense e ouropretana, e que começa com os integrantes de cada grupo e se estende por toda a cidade em forma de canto coral.

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BEHRING, E. R.; BOSCHETTI, I. B. Política Social: fundamentos e História. São Paulo: Cortez, 2007.

FREITAS, João Vitor Gomes de. Cinema e emancipação humana: as vias específicas da desfetichização no filme-documentário e no filme-ficção. 2019. 116 f. Monografia (Graduação em Serviço Social) - Instituto de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal de Ouro Preto, Ouro Preto, 2019.

GUERRA, Yolanda. Instrumentalidade no trabalho do assistente social. In: CFESS; ABEPSS. Capacitação em Serviço Social e política social: o trabalho do assistente social e as políticas sociais: módulo 4. Brasília: CEAD, 2000. Disponível em: <<http://www.cedeps.com.br/wp-content/uploads/2009/06/Yolanda-Guerra.pdf>>. Acesso em: 21 nov. 2021.

IAMAMOTO, M. V. Os espaços sócio-ocupacionais do assistente social. In: Serviço Social: direitos e competências profissionais. Brasília: CFESS/Abepss, 2009. p. 341-375.

LUKÁCS, Georg. Estética: La peculiaridad de lo estético. Barcelona; México: Grijalbo, 1967.

MARX, Karl, Grundrisse, São Paulo, Boitempo, 2011.

MIRIÃ VASCONCELOS, Éliton P. e. O Processo De Socialização No Canto Coral: Um Estudo Sobre As Dimensões Pessoal, Interpessoal E Comunitária. Revista Música Hodie, [S. l.], v. 7, n. 1, 2007. DOI: 10.5216/mh.v7i1.1763. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/musica/article/view/1763>. Acesso em: 21 nov. 2021.

NETTO, J.P, M. Economia Política: uma introdução crítica. São Paulo: Cortez ,2006. (biblioteca básica de serviço social; v.1).

SANTOS, Izabella da Rocha. A influência da arte no processo de desfetichização da vida cotidiana: particularidade, partidarismo e luta de classes. 2019. 70 f. Monografia (Graduação em Serviço Social) - Instituto de Ciências Sociais Aplicadas. Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2019.

SILVA, Ana Luiza Campos da. Arte e subjetividade - aproximação às categorias psicológicas do estético : o sistema de sinalização 1'. 2018. 59 f. Monografia (Graduação em Serviço Social) - Instituto de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2019a.

SILVA, Leidiane Dutra da. O caráter social do circo e suas interações com o universo do artístico e do estético. 2021. 56 f. Monografia (Graduação em Serviço Social) - Instituto de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2021.

SILVA, Marlon Garcia da. Serviço Social, Arte E Extensão Universitária: A Experiência do Programa Mineração Do Outro, 2019.

SUBTIL, M. J. de; STORI, R. Diversidade e Música: a potencialidade de humanização pela educação musical na escola. Interlúdio: Revista do Departamento de Educação Musica do Colégio Pedro II - Ano 7, n.11-2019.

VEDDA, Miguel. Posição teleológica e posição estética: sobre as inter-relações entre trabalho e estética em Lukács. In: VAISMAN, Ester; VEDDA, Miguel (Org.). Lukács: Estética e Ontologia. São Paulo: Alameda, 2014.

5. ANEXOS

5.1 - Registros dos grupos de canto coral que participaram da pesquisa

Coral Angeli Domini da cidade de Mariana-MG



Fonte: Arquivo Pessoal/Coral Angeli Domini

Coral Canarinhos de Sant'Ana da cidade de Mariana-MG

Fonte: Arquivo Pessoal/Coral Canarinhos de Sant'Ana

Coral Tom Maior da cidade de Mariana-MG

Fonte: Arquivo Pessoal/Coral Tom Maior

Coral (Madrigal) da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP)



Fonte: Arquivo Pessoal/Edésio Melo

Orquestra São Caetano do Distrito de Monsenhor Horta



Fonte: Arquivo Pessoal/Orquestra São Caetano.